

4.

Organizações de mulheres negras no Brasil

4.1

Articulação: representação-identidade-diferença

As organizações de mulheres negras estudadas na presente dissertação em geral tratam de questões acerca do racismo e de gênero em suas agendas políticas. As mulheres negras, particularmente, assumiram um papel vigilante no sentido de pressionar pela visibilidade de sua existência e de sua participação política.

Essas organizações reivindicam a especificidade das mulheres negras (a diferença), mas também o acesso a direitos (igualdade). Nesse debate sobre diferença, igualdade e identidades de grupos, Joan Scott (2005) argumenta:

1. A igualdade é um princípio absoluto e uma prática historicamente contingente;
2. Identidades de grupo definem indivíduos e renegam a expressão ou percepção plena de sua individualidade;
3. Reivindicações de igualdade envolvem a aceitação e a rejeição da identidade de grupo atribuída pela discriminação. Ou, em outras palavras: os termos de exclusão sobre os quais essa discriminação está amparada são ao mesmo tempo negados e reproduzidos nas demandas pela inclusão¹⁵⁸.

No que tange à produção social da identidade e da diferença, Tomaz Tadeu da Silva (2004) salienta que há uma relação de interdependência entre ambas. Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade, elas são insuperáveis (Silva, 2004: 74-75). Por exemplo, a afirmação “sou brasileira” é parte de uma cadeia de negações: não sou italiana, não sou chinesa, e assim por diante. Ser isto significa não ser aquilo, e assim sucessivamente. Ou seja, ao afirmar: sou negra, homossexual, significa estabelecer diferença e negar outras identidades, de ser branca, heterossexual, etc. Ao afirmar o que somos, significa dizer também o que não somos.

Silva (2004) acrescenta que tanto a identidade quanto a diferença são construções sociais e culturais. Elas não são elementos da natureza, nem essências. Elas são produzidas na relação social e estão em estreita conexão com

¹⁵⁸ Scott. (2005:15).

relações de poder. “*Elas não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; elas são disputadas*” (Silva, 2004:81).

Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estrita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir (“estes pertencem, aqueles não”); demarcar fronteiras (“nós” e “eles”); classificar (“bons e maus”; “puros e impuros”; “desenvolvidos e primitivos”; “racionais e irracionais”); normalizar (“ nós somos normais; eles são anormais”)¹⁵⁹.

Além disso, haveria dois movimentos simultâneos em que o processo de produção de identidade oscila. De um lado, estariam aqueles processos que tenderiam a fixar a identidade; de outro lado, estariam processos que tenderiam a desestabilizá-la. Sendo assim, a fixação da identidade seria uma tendência e ao mesmo tempo uma impossibilidade (Silva, 2004: 84).

Hall (2002) sugere que as novas identidades que emergiram nos anos 70 forneceram um novo foco de identificação. Na “*identidade black*”, vista como não-branca, estaria presente a identidade e a diferença entrelaçadas e articuladas, sem que uma nunca anule completamente a outra (Hall, 2002: 86-87). O autor aponta para a emergência de identidades culturais que não são fixas e menciona as identidades que atravessam fronteiras, citando como exemplo pessoas que foram dispersas de sua terra natal. Essas pessoas são produto das novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais e, portanto, teriam fortes vínculos com seus lugares de origem, porém seriam obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem. No entanto, na visão do autor, as identidades dessas pessoas nunca serão unificadas no sentido antigo, pois elas são produto de várias histórias e culturas interconectadas. Essas pessoas pertenceriam a “culturas híbridas”¹⁶⁰.

O hibridismo está ligado aos movimentos demográficos que permitem o contato entre diferentes identidades: os deslocamentos nômades e as diásporas,

¹⁵⁹ Silva, Tomaz Tadeu (2004: 81-82).

¹⁶⁰ Hall. (2002: 88-89).

como a dos negros africanos por exemplo. O processo de hibridização se dá entre identidades assimétricas em relação ao poder, a partir de relações conflituosas entre diferentes grupos nacionais, raciais e étnicos (Silva, 2004:87).

Hall (2002), ao analisar a “*crise da identidade*”, se refere a três concepções relacionadas a três tipos de sujeitos: “o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno”. Nesse sentido, destaca-se o sujeito pós-moderno, cuja identidade não é fixa ou imutável. Além disso, esta identidade se define historicamente, confrontando com uma pluralidade de identidades possíveis. O autor aponta para o surgimento de novas identidades, fragmentando o indivíduo moderno. A identidade torna-se não fixa, não essencial, sendo continuamente transformada. O indivíduo moderno é confrontado por uma multiplicidade cambiante de identidades possíveis (Hall, 2002: 12-13).

Outro autor a abordar o tema, Bauman (2005) avalia esse processo como um “problema” da identidade, na medida em que as pessoas, atualmente, estariam sem lugar e caminhos fixos. A busca por identidade divide e separa simultaneamente. A concepção da identidade teria mudado de forma e conteúdo.

A tarefa é escolher o desvio menos arriscado na encruzilhada mais próxima e mudar de direção antes que a estrada à frente se torne intransitável. (...) A preocupação principal, que mais arreventa os nervos, não é como encontrar um lugar dentro de uma estrutura sólida de uma classe ou categoria social e – tendo-a encontrado – como guardá-la e evitar sua desapropriação; o que nos deixa preocupados é a suspeita de que essa estrutura conquistada com tanta dificuldade seja logo destruída ou derretida¹⁶¹.

Segundo Maffesoli (2005), na sociedade contemporânea, as velhas identidades consideradas mais compactas e fixas se esfacelaram. Contudo, essa fratura das identidades modernas não impede que as singularidades atuem em comum.

Nessa perspectiva, cada indivíduo muda diversas vezes, a partir de identificações sucessivas e apresentando diversas facetas. Nesse sentido, o sujeito constrói-se por meio da comunicação com o outro, posto que o eu social é investido pelo outro, sendo determinado pelas várias modulações da alteridade.

¹⁶¹ Bauman. (2005:187).

Por outro lado, com a multiplicidade de identificações, cada pessoa “revestindo esse ou aquele véu”, exprimiria uma parte de si própria.

A identificação ressalta que a pessoa é composta de uma série de estratos que são vividos de um modo seqüencial, ou mesmo que podem ser vividos concorrentemente, ao mesmo tempo¹⁶².

Na análise do autor, todas as “camadas da casca de uma cebola” formam a pessoa, em um caldeirão que mistura e circula aparências, diversas personalidades e culturas. Essa experiência pode nascer de cada consciência individual, como também da coletividade. Sendo assim, a dupla: individualidade e coletividade, ao invés de ser pensada como contraditória, deve ser pensada como uma “dupla complementar”.

Para compreender essa dimensão de complementaridade, utilizamos a discussão de Hardt e Negri (2005) sobre a sociedade contemporânea. Os autores salientaram que cada um tem a sua singularidade, mas todos participam de algo comum. Sendo assim, nós constituímos a *multidão*¹⁶³, conceito este que, segundo os autores, significa “singularidades que agem em comum”. Na concepção de Hardt e Negri (2005), não haveria contradição conceitual entre a singularidade e o que é comum. “*Somos uma multiplicidade de formas singulares de vida e ao mesmo tempo compartilhamos uma existência global comum*”. Assim, as perspectivas da singularidade e da partilha compõem o conceito de multidão (Hardt e Negri, 2005: 172).

O conceito de identidade que se vincula à modernidade estaria ligado ao interno e ao externo do indivíduo. Por isso seria mais apropriado utilizar o conceito de identificação. Assim, o campo social e político na contemporaneidade tornam-se menos homogêneo, menos unificado e mais diversificado em seus discursos e práticas.

A identidade é marcada pela diferença, mas parece que algumas diferenças – neste caso entre grupos étnicos – são vistas como mais importantes que outras, especialmente em lugares particulares e em momentos particulares¹⁶⁴.

¹⁶² Maffesoli. (2005: 333)

¹⁶³ Hardt e Negri. (2005: 145 – 146).

¹⁶⁴ Silva, Tomaz Tadeu. (2004: 11).

As identidades são construídas pelos diferentes grupos sociais, em diferentes momentos, correspondendo aos interesses dos grupos sociais. Estas não devem ser pensadas como um dado, como algo fixo, estável e unificado.

Nessa perspectiva, as identidades seriam produzidas em momentos particulares no tempo e fabricadas por meio da afirmação da diferença¹⁶⁵. Assim, identidade e diferença estão em conexão, numa relação de poder. Ambas estariam estritamente associadas a sistemas de representação (Tomaz Tadeu da Silva, 2004: 82-89). É por meio da representação que a identidade e a diferença passam a existir. É pela representação que a identidade e a diferença se ligam aos sistemas de poder. Sendo assim, quem tem o poder de representar tem o poder de definir e determinar a identidade. Por isso, no centro da crítica da identidade e da diferença, está o questionamento das suas formas e/ou sistemas de representação (Silva, 2004: 91).

A diferença baseada na identidade racial foi ressaltada, na visão de Moreira (2007), pelas feministas negras brasileiras em detrimento da identidade de gênero, durante os anos 80 e 90. Nesse contexto, não havia diferenças de fato, pois as feministas brancas e negras tinham como oposição principal a cultura opressora e suas estruturas simbólicas que impediam o reconhecimento das necessidades desses grupos. Entretanto, ao adotarem um discurso autocentrado nas suas especificidades, esses segmentos, através de suas reivindicações, põem em xeque o princípio da igualdade (Moreira, 2007:83-84).

Para Bauman (2005), na sociedade contemporânea as identidades sociais, culturais e sexuais se tornaram incertas e transitórias, não existindo a possibilidade de “solidificá-las”. As identidades estão em fusão e mais fragilizadas, com isso o sujeito pode ter uma identidade e ter mais outra, e mais outra simultaneamente.

Nessa perspectiva, não existe uma identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de maneira social e historicamente determinada. Assim, raça, gênero, classe social, orientação sexual formam um mosaico e só podem ser compreendidos em suas multidimensionalidades.

É importante destacar, ainda, a noção de identidade com a qual trabalha Castells (2001). Segundo o autor, a identidade possui três formas de construção: a

¹⁶⁵ Ib. Id. , p. 39-41.

identidade legitimadora – que estaria ligada às instituições dominantes –, a identidade de resistência – que seria criada por atores sociais que se encontram em uma posição subalterna, de desvantagem na sociedade – e, finalmente, a identidade de projeto – que seria aquela utilizada pelos atores sociais com o objetivo de operar uma transformação social profunda, tal como empreendida pelas feministas (Castells, 2001).

Para Sudbury (2003), a noção de identidades múltiplas e mutáveis permite uma autodefinição da “mulher negra”.

Nossas identidades como mulheres negras devem ser examinadas em situações sociais distintas, em diferentes momentos e localizações geográficas. Em cada momento, determinado termo pode assumir uma variedade de significados diferentes e abranger diversas experiências¹⁶⁶.

Para complementar esse debate sobre identidades, é importante introduzir a discussão sobre pluralidade e singularidade. A pluralidade e a diferença são necessárias, mas quando a unidade tenta negar a diversidade e a pluralidade de interesses e de gostos, o social acaba se degradando. A ausência da estabilidade do ser se tornaria evidente no mundo pós-moderno. As subjetividades sociais, como Hardt e Negri (2005) afirmam, tornam-se mais híbridas, misturadas e miscigenadas na contemporaneidade. Assim, elas deixam de serem identidades e tornam-se “singularidades”, nas quais as linguagens misturam-se e interagem, formando não uma linguagem única e unificada, mas uma força comum de comunicação e cooperação entre singularidades e pluralidade. Dessa forma, constrói-se, então, na sociedade contemporânea incerta e instável, um mosaico, uma fusão de identificações.

Segundo Sudbury (2003), a conceituação de identidades múltiplas e mutáveis se refere ao particular. Sendo assim, essa abordagem tem poucas ferramentas para lidar com o geral, com o que os movimentos utilizam para mobilizar o ativismo político. A autora cita trecho da fala de uma entrevistada, integrante do Grupo de Mulheres Negras de Brixton, como algo a ser questionado: *“somente quando trabalharmos unidas e analisarmos nossa situação como mulheres negras nesta sociedade poderemos fazer uma contribuição efetiva à*

¹⁶⁶ Ver Sudbury. (2003:139).

*luta*¹⁶⁷”. Essa citação aponta para necessidade de se constituir uma unidade, fator fundamental para a consciência e mobilização coletiva.

É certo que é necessário não substancializar as identidades, mas como retirar a substância identitária, no momento que as coletividades, os movimentos sociais estão construindo suas identidades? Esse dilema está longe de ser resolvido e deve-se atentar para as abordagens que minimizem os conflitos entre redistribuição e reconhecimento. As injustiças se cruzam e as identidades são múltiplas. Ou seja, as lutas devem ser múltiplas e cruzadas, contra injustiças também múltiplas e cruzadas. No entanto, como fazer para conectar esses domínios? Cada coletividade deve mostrar como e quais tipos de injustiças sofrem e propor políticas transformativas, através da composição dialética economia socialista e política cultural desconstrutivista (Fraser, 2001). A autora sugere uma articulação entre questões distributivas e lutas por reconhecimento que envolva questões como diferença, identidade e representação.

Para Curiel (2002), compreender a construção e desconstrução das identidades implica em um ir e vir na luta contra o racismo, sexismo, heterossexismo segundo os contextos, hegemonias e conjunturas políticas. Assim, o campo político seria como uma camisa de força que permitiria conservar tanto elementos de afirmação quanto elementos de negação que, dependendo da situação, faria com que um lado torne-se mais forte enfraquecendo o outro, e vice-versa. Em alguns momentos são acionados elementos que afirmam a diferença e em outros são acionados elementos que negam essa diferença.

Em outras palavras, em certas ocasiões é necessário que as identidades sejam reafirmadas, e em outras negadas ou desessencializadas. Para tornar possível a transformação social deve-se ter uma proposta política articuladora que conceba sistemas de dominação articulados. A luta política, então, deve priorizar alianças com coletividades que são atingidas pelos sistemas de dominação e, ao mesmo tempo, sustente uma nova política cultural, feminista e/ou racial que não

¹⁶⁷ *Ib.*, *Id.*, p. 140.

atomize as especificidades de cada grupo social. Esse pode ser o caminho que supere o dilema da igualdade e da diferença (Curiel, 2002).

Na visão de Scott (2005), o modelo de igualdade tem se modificado e os atributos como raça e sexo não representam elementos que impeçam alguém de votar hoje em dia, mas atuam como marcadores diferenciais no acesso a bens materiais e sociais. Seguindo essa perspectiva, como essa igualdade não se manifestou concretamente, acabou gerando um ambiente propício para o surgimento de grupos que reivindicariam acesso a bens materiais e sociais.

As identidades de grupo são um aspecto inevitável da vida social e da vida política e as duas são interconectadas, porque as diferenças de grupo se tornam visíveis, salientes e problemáticas em contextos políticos específicos. É nesses momentos – quando exclusões são legitimadas por diferenças de grupo, quando hierarquias econômicas e sociais favorecem certos grupos em detrimento de outros, quando um conjunto de características biológicas ou religiosas ou étnicas ou culturais é valorizado em relação aos outros, que a tensão entre indivíduos e grupos emerge. Indivíduos para os quais as identidades de grupo eram simplesmente dimensões de uma individualidade multifacetada descobrem-se totalmente determinados por um único elemento: a identidade religiosa, étnica, racial ou de gênero¹⁶⁸.

Scott argumenta que é mais interessante perguntar como os processos de diferenciação social operam e desenvolver análises de igualdade e discriminação que tratem as identidades não como entidades eternas, mas como efeitos de processos políticos e sociais. Em que circunstâncias a diferença entre os sexos importa no campo político, de negociação e reivindicação? Esse campo político seria lugar de negociação das identidades e dos termos da diferença entre elas (Scott, 2005: 29). Como também é o lugar do diálogo e da solidariedade entre mulheres que vivem diferentes situações sociais e raciais.

A identidade racial como um atributo positivo de diferenciação das feministas negras serviu como um caminho para a representação política autônoma no campo feminista (Moreira, 2007:87). As abordagens sobre identidade e diferença tiveram o suporte das manifestações dos grupos que se posicionavam em oposição aos pressupostos hegemônicos. Segundo a autora, o

¹⁶⁸ Scott (2005, p. 18).

movimento feminista e o movimento de mulheres negras buscam o reconhecimento e a transformação das múltiplas opressões experimentadas pelas mulheres, porém nem sempre as pautas coincidem ao se inserir o racismo como elemento de análise. É nesse contexto de divergências e embates que as organizações de mulheres negras caminham.

Matilde Ribeiro¹⁶⁹ analisou o quanto a invisibilidade da ação política das mulheres negras e a forma secundarizada com que o caráter de sua opressão e organização foi tratado. Para a autora, as mulheres negras aparecem como “*sujeitos implícitos*”, seja por meio do discurso ou da produção teórica, dentre as/os demais participantes dos movimentos. No entanto, as mulheres negras, embora atuantes nesses movimentos, ao longo dos anos não se destacaram como interlocutoras políticas da mesma maneira que os homens. E suas questões específicas foram menosprezadas. Mesmo assim, segundo a autora, elas “*trilharam um caminho próprio*”, por meio da “*construção do movimento autônomo*”.

No entanto, o movimento de mulheres negras encontraria certa dificuldade frente à multiplicidade existente entre essas mulheres. Canto (2009) salienta que a homogeneidade sempre foi vista como fator crucial para a efetividade das lutas de qualquer organização social. Esse discurso de unidade e homogeneidade teria contaminado todos os segmentos da sociedade, até mesmo os movimentos mais progressistas. Isso explicaria, em parte, a dificuldade do movimento de mulheres negras para elaborar estratégias de ação política que possam romper com a idéia de que somente a partir da unidade se consegue alcançar algum objetivo.

A autora acrescenta que o processo de construção da identidade da mulher negra brasileira é permeado por diversos processos construídos historicamente, que contribuíram para um caráter negativo atribuído a este segmento da população. As identidades das mulheres negras são construídas por meio de processos históricos herdados de um suposto passado comum, como também nos termos de Castells (2001), marcado por disputas de posições de poder.

¹⁶⁹ Ribeiro. Antigas personagens, novas cenas: mulheres negras e participação política. Site: empreende.org.br/artigo-programas.htm. Acessado no dia 20 de maio 2010:198-199.

Como salientou Souza (1983), a identidade negra é construída por meio de um “*racismo ambíguo e do mito da democracia racial. Como qualquer processo identitário, ela se constrói no contato com o outro, na negociação, na troca, no conflito e no diálogo. Ser negro no Brasil é tornar-se negro*¹⁷⁰”. Sendo assim, ser mulher negra significa tornar-se.

Diante desse cenário, pensar a identidade da mulher negra é pensar em identidades múltiplas, em uma relação que se estabelece com outras identidades. Como a idéia proposta por Canto (2009), o “*devir mulher negra*” pode ser relacionada com a “concepção de identidade como rizoma de Deleuze”, onde a identidade seria como um riacho sem início e sem fim. A autora apresenta argumentos de Glissant para destacar a necessidade de se compreender esse processo. Para isso, é necessário atentar para o grande desafio: “*Como abrir-se ao outro sem perder-se a si mesmo, e como ser si mesmo sem fechar-se ao outro*”? (Canto, 2009:77).

Esse desafio pode ser interpretado da seguinte maneira: como afirmar uma identidade, sem que as especificidades sejam automatizadas e/ou essencializadas? E como esse mosaico de identificações pode encontrar um ponto em comum? É necessário adotar uma concepção aberta e não essencialista acerca da identidade.

A partir do que foi exposto, é possível dizer que para compreendermos a identidade das mulheres negras deve-se levar em conta suas especificidades, suas diversas identificações, como gênero, raça, classe, sexualidade, entre outras. Estas não devem ser pensadas separadamente e/ou isoladamente, mas em suas multidimensionalidades, simultaneamente.

¹⁷⁰ Ver Souza, Neusa Santos. (1983).

4.2

Narrativas afrocentradas e autonomia

Não pode ser seu amigo quem exige seu silêncio ou atrapalha seu crescimento.

Alice Walker

A transformação do silêncio em linguagem e em ação é um ato de autorrevelação.

Audre Lorde

Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo.

Neusa Santos Souza

O presente estudo, especialmente esse capítulo, foi influenciado pela produção intelectual de mulheres negras brasileiras e estrangeiras, como Bell Hooks, Ângela Davis, Audre Lorde, Patrícia Hill Collins, Alice Walker, Carolina Maria de Jesus, Lélia González, Neusa Santos Souza, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Luiza Bairros, Jurema Werneck, entre outras. Os textos e narrativas dessas mulheres contribuíram imensamente para a construção e desenvolvimento desta dissertação, pois suas narrativas privilegiam o ponto de vista das mulheres negras. Ou seja, as mulheres negras por meio de suas narrativas traçam a inscrição de si mesmas. E este estudo buscou adotar, como principal fonte de análise, o ponto de vista das mulheres negras sobre elas mesmas.

Paralelamente, as mulheres negras, por meio de suas organizações autônomas, têm apresentado temáticas que nos obrigam a refletir sobre o quê e como conquistar qualidade de vida social, com o desafio de reconhecer e intervir na cena pública como legítimas interlocutoras em diversas áreas. Alguns relatos das entrevistadas sugerem que as organizações de mulheres negras, a partir de sua ação coletiva, atuam como um meio para lutar e romper com os entraves sociais, com a invisibilidade social.

A produção de conhecimento das mulheres negras pode ser associada ao que Michel Foucault (1980) chamou de "*conhecimento subjugado*", isto é, "*um conjunto de conhecimentos que foram desqualificados como inadequados ou insuficientemente elaborados: conhecimentos ingênuos, colocados em uma posição inferior na hierarquia dos conhecimentos, abaixo do nível exigido pela*

*cognição e pela cientificidade*¹⁷¹". Ranajit Guha (1982) criou outra categoria que se aproxima da de Foucault, denominada "*sujeitos subalternos*". Segundo a autora, essa categoria heterogênea possui grandes diferenças regionais e voz própria. Guha, juntamente com um grupo de intelectuais indianos, se dedicou aos estudos denominados "subalternos", que fazem menção a grupos que nunca tiveram voz própria.

Diferentemente, Gayatri Spivak (1985), em seu texto "Can the Subaltern Speak?", argumenta que não pode existir um "sujeito subalterno" que se conheça e fale por si mesmo. Para a autora, o subalterno não pode falar, pois este sequer é reconhecido. Se o subalterno produz algo, quem o irá legitimar? Uma possível saída para esse impasse seria desconstruir os discursos hegemônicos, isto é, que foram legitimados enquanto hegemônicos. Porém, para realizar essa desconstrução, o subalterno teria que se apropriar desse discurso, ou do *capital cultural*, tal qual proposto por Bourdieu¹⁷². Contudo, ao fazer essa apropriação, o subalterno deixaria de ser subalterno.

Ao interpretar o texto de Spivak, John Beverley¹⁷³ salienta que quando a autora afirma que o subalterno não pode falar, significa dizer que a fala subalterna não é capaz de alterar as relações de poder/saber que o constituem como subalterno.

Spivak (1985) também critica o trabalho de intelectuais que atuam como protetores e porta-vozes do subalterno. Segundo a autora, o intelectual não deve falar pelo subalterno, pois essa atitude reforçaria a subalternidade. A autora se opõe aos intelectuais pós-coloniais, pois esses tenderiam a reproduzir esquemas de dominação política, econômica e cultural. Ela acrescenta ainda que a categoria "subalterno" não deve ser pensada como monolítica, como uma única identidade. Spivak se mantém cética quanto à possibilidade da criação de uma posição de fala para os grupos e indivíduos verdadeiramente subalternos. Isto porque a condição da subalternidade é a condição do silêncio. Sendo assim, o sujeito subalterno feminino não poderia ser ouvido ou lido, pois sua fala não adquiriu status discursivo dialógico.

¹⁷¹ Foucault (1980:82).

¹⁷² Bourdieu. (2000).

¹⁷³ Beverley. (2004: 57).

Por outro lado, há outras correntes críticas contemporâneas que discordam desse posicionamento. Bhabha (1998), por exemplo, argumenta sobre a possibilidade da fala do subalterno conseguir vencer os obstáculos, subvertendo e ameaçando a autoridade que legitimou o discurso do colonizador. O que está em jogo, segundo Carvalho (1999), é a luta pelo controle da narrativa histórica, o dominador tenta silenciar a versão do subalterno, este, por sua vez, utiliza estratégias para desmascarar a versão do dominante.

Nesse sentido, cabe introduzir a definição de “narrativas subalternas”¹⁷⁴. Estas refletem os interesses e o olhar daqueles representados como “Outros”, que tradicionalmente não falam de si mesmos, não são narradores da sua experiência. Partindo dessas possibilidades, há outras formas de pensamento, “outras racionalidades” que interessam aos grupos subalternizados, e que partem de distintas experiências localizadas fora do espaço dos grupos que subalternizam os outros grupos.

Quando eu digo que meu discurso é subalterno eu quero confrontar o discurso do outro. (...) Quando o subalterno fala, é atravessado pela voz e pela fala do outro para ganhar força. Atravessado ou não, o que fica é a contundência da voz do subalterno¹⁷⁵.

O trecho da entrevista acima sugere que esta intelectual entrevistada, Iris, possui a consciência de que sua narrativa, seu discurso pode não ser hegemônico, mas possui expressão e toma força ao se chocar com discursos dominantes e/ou convencionais.

Seguindo esta premissa, buscou-se compreender como as mulheres negras pesquisadas podem se expressar, emitir suas próprias opiniões e visões de mundo para a sociedade, por meio da produção intelectual e ação política. Haveria, então, espaços sociais e culturais independentes que permitiriam a circulação de discursos dissidentes que podem romper com os oficiais hegemônicos? Em outras palavras, como as organizações de mulheres negras, através do trabalho intelectual e do ativismo político de suas lideranças, contribuiriam para a desconstrução dos valores e dos discursos eurocêntricos hegemônicos? De que

¹⁷⁴ Ver Miranda. (2006:54).

¹⁷⁵ Trecho da entrevista com Iris, intelectual e professora. A entrevista foi realizada para esta pesquisa, em 21 de janeiro de 2010, no Rio de Janeiro.

maneira, essas lideranças buscam novas possibilidades discursivas que retratam suas próprias experiências e traduzem também uma nova visão da sociedade brasileira?

O depoimento da entrevistada Iris sugere que o sujeito subalterno, entendido no sentido mais amplo do termo, pode sim falar, se expressar, ser lido e entendido. Seria possível afirmar então que as intelectuais/ativistas pesquisadas, por meio do seu trabalho intelectual e da sua ação política, se encaixam nessa perspectiva? Será que a sociedade tem se mostrado indiferente ou não está disposta a ouvi-las? Se a condição subalterna é a condição do silêncio, entre o silêncio e a ação há algo que liberta o sujeito de sua condição subalterna? A partir da indagação da entrevistada Iris, é possível sugerir que o sujeito subalterno pode apropriar-se do discurso dominante com criatividade e força de persuasão, podendo também romper com ele e ter corpo próprio. Ao desconstruir o discurso dominante, as intelectuais/ativistas negras teriam produzido um novo discurso que funcionaria como uma autorrepresentação, que possibilitaria intervenção política e social?

A contribuição de Edward Said (2005) sobre as representações do intelectual não deve ser desconsiderada. Na visão do autor, o intelectual pertence ao seu tempo, é um indivíduo dotado de uma vocação para a arte de representar, de articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, uma filosofia ou opinião para e por um público. Seja escrevendo, falando, ensinando. O intelectual é uma figura representativa, que articula representações. Essa vocação envolveria o reconhecimento público, compromisso e risco, ousadia e vulnerabilidade, simultaneamente. O intelectual deve ter um papel público na sociedade, não podendo ser reduzido simplesmente a um profissional sem rosto, um membro competente de uma classe, de um grupo, de um movimento, que só deseja cuidar de seus interesses (Said, 2005: 25-27).

Contudo, a decisão de trilhar o caminho intelectual dos afro-americanos, na visão de bell hooks (1995), foi uma opção excepcional e difícil. “*Para nós, tem parecido mais um chamado que uma escolha vocacional*¹⁷⁶”. Segundo a autora, a motivação que levou alguns negros a se tornarem intelectuais difere da concepção

¹⁷⁶ hooks (1995:465).

vocacional que Said menciona. Existiriam forças mais poderosas do que a vontade individual, que atrairiam a maioria dos afro-americanos a realizar o trabalho intelectual. Essas motivações seriam diversas, mas na maior parte dos casos haveria um ponto comum. hooks cita a obra “O Dilema do Intelectual Negro”, de Cornel West¹⁷⁷, onde o autor aponta alguns motivos em comum, como a influência de um professor ou colega, mérito pessoal e a ascensão política dos negros.

Para Gramsci (1985), pode-se dizer que todos os homens [e mulheres] são intelectuais, mas nem todos possuem na sociedade esta função. O autor mostra que as pessoas que desempenham uma função intelectual na sociedade poderiam ser divididas em dois tipos, “intelectuais tradicionais” e “orgânicos”. Os primeiros seriam os professores, administradores e clérigos que permaneceriam fazendo as mesmas coisas, de geração a geração. Já os intelectuais orgânicos estariam ligados as classes, empresas, assumindo o papel do especialista ou do organizador de uma nova cultura. Esses, diferentemente dos intelectuais tradicionais, estariam sempre em movimento.

Para Said (2005), todos nós seríamos intelectuais na medida em que pensamos, pois todo o pensamento, ação e linguagem são reflexivos. Todo homem desenvolveria uma atividade intelectual, artística qualquer, ou seja, participaria de uma concepção de mundo, mantendo-a ou modificando-a. O intelectual é um indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo, articular um ponto de vista, uma mensagem para e por um público (Said, 2005: 25).

Segundo Mills (2009), o intelectual deve ser o mais “*severo crítico de si mesmo*”¹⁷⁸, deve ir atrás de coisas que não estão ao seu alcance. Além disso, suas mentes devem ser livres, não podem estar confinadas em nenhuma nação. O intelectual deve também assumir um papel político de transcendência.

¹⁷⁷ Segundo hooks, West não discute, nem dá atenção à vida intelectual da mulher negra. O autor não reconhece o impacto do gênero na sociedade. *Ib.*, *Id.*, p. 466.

¹⁷⁸ Mills. (2009: 89).

Said prossegue, dizendo que “*o que o intelectual menos deveria fazer é atuar para que seu público se sinta bem: o importante é causar embaraço, ser do contra e até mesmo desagradável*”¹⁷⁹.

A citação acima se assemelha às narrativas de Lélia Gonzalez¹⁸⁰ para explicar a experiência das mulheres negras no movimento de mulheres. Segundo ela, em muitas situações as mulheres negras eram denominadas de “*criadoras de caso*”, ao exporem suas especificidades e o racismo que sofriam. Muitas mulheres negras discordavam com o discurso estabelecido no movimento feminista, causando embaraço e desconforto. Para a autora, o papel político questionador foi assumido pelas mulheres negras nesse momento.

O intelectual deve estar longe de ser um “pacificador, criador de consensos”, mas sim alguém que possua senso crítico e recuse idéias prontas ou preconcebidas (Said, 2005:35-36). Said, ao discutir sobre a independência do intelectual, cita o sociólogo norte-americano C. Wright Mills que afirma o seguinte:

O artista e o intelectual independentes estão entre as poucas personalidades preparadas para resistir e lutar contra estereótipos e a conseqüente morte das coisas genuinamente vivas. (...) Esses mundos de arte e pensamento massificados estão cada vez mais engessados pelas exigências da política. Por isso, é na política que a solidariedade e o esforço intelectuais devem centrar-se¹⁸¹ (...).

Na visão do autor, o trabalho intelectual deve desmascarar narrativas oficiais, justificações de poder, como também mencionar caminhos alternativos de ação (Said, 2005:35). Com efeito, algumas entrevistadas apontaram que suas produções teóricas buscam justamente “*realizar análises a partir da experiência*”; ao denunciar desigualdades e discriminações raciais e de gênero. Isto se dá por meio de publicações de artigos, livros e de boletins informativos de suas organizações.

O trabalho intelectual é uma parte necessária da luta pela libertação, fundamental para os esforços de todas as pessoas oprimidas e/ou exploradas, que passariam de objeto a sujeito, que descolonizariam e libertariam suas mentes¹⁸².

¹⁷⁹ Said. (2005:27).

¹⁸⁰ Ver entrevista de Lélia Gonzalez – Uma mulher de Luta. Jornal MNU. [HTTP://www.mulheresnegras.org/lelia.html](http://www.mulheresnegras.org/lelia.html). acessado 20 abril de 2009.

¹⁸¹ Said. (2005: 34).

¹⁸² hooks. (1995: 466).

A constituição das mulheres negras como intelectuais, como bem salienta Patrícia Collins (2000)¹⁸³, se dá na experiência inicial da mulher negra no Novo Mundo como escravizada. A autora aponta para a importância do resgate das experiências de antepassadas negras, marcadas por uma “*fusão intelectual entre trabalho e ativismo (...), ação e teoria*” como parte da tradição de um Pensamento Feminista Negro. Entretanto, segundo hooks (1995), apesar do importante papel histórico que as mulheres negras sempre desempenharam como professoras, pensadoras, críticas e teóricas culturais em comunidades negras segregadas, há pouco escritos sobre intelectuais negras. A autora conta que sempre que solicita a suas alunas para citarem intelectuais negros, sem especificar gênero, os nomes mencionados frequentemente são masculinos; quando se pensa em grandes mentes, quase sempre as imagens masculinas que são lembradas. Sendo assim, “*a subordinação sexista na vida intelectual negra continua a obscurecer e desvalorizar a obra das intelectuais negras*”. (hooks, 1995: 467).

A socialização sexista impõe à maioria das mulheres a ideia de que o trabalho mental tem de ser secundário ao trabalho doméstico, ao cuidado dos filhos. Isso dificultou que as mulheres, especialmente as negras, olhassem para o trabalho intelectual como essencial e prioritário. Contribuiu ainda a insistência de suposições sexistas e racistas que sugerem que as negras são, de alguma maneira, mais capazes para cuidar dos filhos dos outros e para o trabalho doméstico. Além disso, há o isolamento que envolve a atividade intelectual e acadêmica, especialmente quando se trata de escrever uma tese ou dissertação. Essa é uma experiência solitária e individual, que requer tempo e concentração (hooks, 1995: 471-472). A autora acrescenta que o intelectual carrega o estereótipo de ser considerado egocêntrico, ou seja, alguém preocupado com as próprias idéias. Isso contribui também para que muitas pessoas renunciem a essa classificação, por terem receio de parecerem egoístas, distantes da comunidade, de não fazerem um trabalho que transcenda o ego e que possa servir aos outros.

A autora prossegue diferenciando a atividade acadêmica da intelectual. Ambas lidam com idéias, mas a atividade intelectual possuiria um diferencial: um pensamento criativo, que transgride fronteiras discursivas. Sendo assim, o

¹⁸³ Collins. (2000).

trabalho intelectual ameaçaria o *status quo*. Muitas mulheres negras internalizam o “anti-intelectualismo”, preferem negar sua capacidade intelectual e optar por uma posição mais confortável, menos tensa ou conflituosa, de aceitação acadêmica. Além disso, o trabalho intelectual muitas vezes não é visto como algo que tenha uma ligação com a experiência concreta (hooks, 1995:467-468).

Por outro lado, os estereótipos das mulheres negras, vistas como selvagens sexuais, ou como mães-pretas, como já discutido anteriormente, distanciam as negras da vida, do trabalho mental. As suposições racistas e sexistas contribuem para pensar as mulheres negras como inatamente mais capazes para cuidar dos outros e das tarefas domésticas. Essa ideologia racista e sexista é compartilhada não somente por brancos, mas também por homens negros, que acham que as mulheres negras devem servi-los. Segundo hooks (1995), a aceitação passiva desses papéis sociais pelas mulheres negras talvez seja o fator que mais as impede de fazerem a escolha de se tornarem intelectuais. Essa socialização ensinaria a maioria das mulheres, especialmente as negras, que o trabalho mental tem de ser secundário ao trabalho doméstico. Outro fator que impediria as mulheres negras de optarem pelo trabalho intelectual seriam as preocupações e pressões materiais que dificultam dedicar tempo à contemplação, à concentração para pensar e escrever.

A autora cita o modelo alternativo de intelectual defendido por Cornel West, o “intelectual de insurgência”, que seria o contraponto do modelo burguês (do gênio isolado). hooks (1995) percebeu em sua pesquisa, realizada com alunas e colegas negras, que elas tinham pouca experiência de ficarem ou trabalharem sozinhas. Principalmente as negras e pobres, que comumente têm famílias maiores, fazendo com que o espaço e o tempo solitário sejam limitados. Embora a contemplação solitária de idéias seja muito importante no processo de produção intelectual, a autora argumenta que essa produção não ocorre somente no isolamento, pois muitas idéias criativas surgem em contextos de interação, de trocas e diálogos. A autora ainda acrescenta que em um contexto de supremacia patriarcal branca e de sistema capitalista, as mulheres negras precisariam “descolonizar as mentes” e estarem sempre vigilantes para tornarem-se intelectuais. A manutenção da mente colonizada pode habilitar as mulheres negras para a academia, ou seja, elas podem se tornar acadêmicas bem-sucedidas, sem que percorram o processo intelectual. (hooks, 1995:473-475).

As pessoas costumam dizer: ou se é militante ou se é acadêmica. Eu acredito que as duas coisas se conjugam. Eu gosto muito de estar no movimento das mulheres negras, mas também gosto muito de ser professora¹⁸⁴.

A citação acima demonstra que é possível atuar nas duas esferas: na política e na academia simultaneamente, sem que estas sejam separadas, ou pensadas como dois mundos que não se relacionam. Algumas das mulheres entrevistadas atuam em suas organizações, como também já experimentaram ou experimentam atividades acadêmicas, como professoras universitárias, alunas de graduação e pós-graduação.

Para hooks (1995), diante de uma cultura racista, sexista e anti-intelectual, as mulheres negras devem criar estratégias para contrapor a baixa estima imposta a elas. Tais estratégias devem valorizar seu próprio trabalho, mesmo que este não seja legitimado por estruturas legitimadas. Segundo a autora, muitas vezes o reconhecimento e valorização do trabalho intelectual das mulheres negras não vêm de lugares tradicionais ou convencionais. Sendo assim, as mulheres negras “devem criar outras esferas, e desafiar o pensamento racista e sexista”. Muitas pensadoras, escritoras e críticas excepcionais não trabalham em meios acadêmicos, como é o caso das intelectuais/ativistas negras entrevistadas na presente dissertação. Do total de 11 entrevistadas, apenas uma atua na organização como coordenadora de projetos, e trabalha na academia, como professora universitária. Outras três mantêm proximidade com a academia. Duas das entrevistadas estão terminando o Doutorado, a outra já é doutora e participa de um grupo de pesquisa de uma universidade pública de São Paulo.

A maior parte das entrevistadas mantém certo afastamento em relação à academia, embora todas as lideranças entrevistadas tenham graduação e muitas possuam pós-graduação. Ou seja, todas passaram pela academia, no momento da realização do curso universitário, embora não tenham permanecido nesse espaço. De fato, um título acadêmico, de Mestrado e, principalmente, de Doutorado, traz status social, reconhecimento e legitimidade para aquele que o conquista. Entretanto, o reconhecimento pode também ser conquistado por outras vias, como é o caso da maioria das lideranças entrevistadas, que conquistaram reconhecimento em outras esferas. Isso confirma a tese de hooks de que, muitas

¹⁸⁴ Depoimento de Creuza, ativista e coordenadora de projetos da Criola. Entrevista realizada pela pesquisadora, em 11 de agosto de 2009.

vezes, o reconhecimento do trabalho intelectual das mulheres negras vem de esferas não convencionais. No caso das nossas entrevistadas, o reconhecimento de seu trabalho é fruto da atuação nos movimentos sociais e em suas organizações de mulheres negras.

4.3

Trajetórias, ativismo e protagonismo

As mulheres negras, como antigas personagens no cenário político brasileiro, têm sido, de fato, propositivas na construção de novas cenas.

(Matilde Ribeiro)

Como já salientou Matilde Ribeiro¹⁸⁵, as mulheres negras emergiram como sujeitos políticos desde a resistência à escravidão. Se antes ficavam à margem das esferas de tomada de decisão, elas passaram a se organizar, transformando-se em sujeitos políticos e exigindo direitos. Esse processo foi vivenciado pelas negras brasileiras, que tiveram sua representatividade política reconhecida a partir do ativismo na década de 80, embora já se destacassem como interlocutoras políticas, da mesma forma que os homens. As mulheres negras sempre estiveram presentes nos movimentos sociais.

As mulheres negras sempre gestaram os movimentos, porém, o poder de decisão estava nas mãos dos outros, dos homens (no movimento negro). Agora nós gestamos e exercemos o poder nas organizações¹⁸⁶.

A citação acima sugere que as mulheres negras sempre foram atuantes em outros movimentos, mas o poder de decisão só foi conquistado nas organizações de mulheres negras.

Em 1983 foi criado o Conselho Estadual da Condição Feminina em São Paulo. Este contava com 32 conselheiras, sendo todas elas mulheres brancas. Segundo Sueli Carneiro, isso causou uma indignação, que impulsionou um grupo de mulheres negras a se organizar, criando o Coletivo de Mulheres Negras em

¹⁸⁵ Ribeiro. (2010: 196).

¹⁸⁶ Entrevista de Elza, fundadora e membro do conselho diretor do Geledés. Entrevista realizada pela pesquisadora em 04 de maio de 2010.

reação à composição do Conselho Estadual da Condição Feminina. A partir daí, o coletivo conseguiu participar do Conselho Estadual da Condição Feminina com duas representantes.

Essa indignação nos conduziu à criação do Coletivo de Mulheres Negras, com a disposição de lutar pela inclusão de representação de mulheres negras naquele órgão. Depois de muita disputa, vencemos e incluímos as militantes negras Tereza Santos e Vera Lúcia Soares, respectivamente como titular e suplente naquele Conselho. Foi uma luta de grande repercussão na época que colocou desafios novos para nós mulheres negras organizadas no Coletivo de Mulheres Negras: de dar suporte político para o mandato daquelas representantes negras e formular propostas ao órgão de programas e projetos capazes de reduzir as desigualdades sociais sofridas pelas mulheres negras¹⁸⁷.

A narrativa acima relata como se deu o processo de criação do Coletivo de Mulheres Negras no Estado de São Paulo, que foi impulsionado pela luta por representação política de mulheres negras, para que pudessem formular propostas de combate as desigualdades de gênero e racial.

Sueli Carneiro e Edna Roland¹⁸⁸ foram fundadoras do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo em 1984 e, posteriormente, do Geledés – Instituto da Mulher Negra, em 1988. A saída do Coletivo de Mulheres Negras até a fundação do Geledés foi um processo motivado pelo fato de algumas mulheres terem assumido cargos de coordenação de comissão ou por terem integrado comissões técnicas com vínculos governamentais.

Esse processo fez com que o Coletivo de Mulheres Negras fosse perdendo a sua característica original de organização autônoma da sociedade civil por seus vínculos governamentais. Essa preocupação de resgate de um espaço autônomo de expressão de cidadania e organização política das mulheres negras que nos conduziu à criação do Geledés Instituto da Mulher Negra em 1988¹⁸⁹.

¹⁸⁷ Trecho da entrevista de Dandara, fundadora e membro da coordenação executiva do Geledés. Entrevista realizada em 10 de julho de 2010.

¹⁸⁸ Sueli Carneiro permanece até o presente momento no Geledés, atualmente com a função de Coordenadora Executiva. Edna Roland saiu do Geledés em 1997, com toda a equipe que trabalhava no Programa de Saúde, e fundou no mesmo ano a Fala Preta! Organização de Mulheres Negras/SP. Ver: Alberti e Pereira (2007).

¹⁸⁹ Trecho da entrevista com a ativista Dandara, fundadora e membro da coordenação executiva do Geledés. Entrevista realizada em 10 de julho de 2010.

4.3.1

As organizações: Geledés e Criola

A criação de Geledés foi precedida de várias iniciativas políticas de mulheres negras de São Paulo no início da década de 80. Como já mencionado anteriormente, algumas dessas mulheres participaram no Conselho Estadual da Condição Feminina, e posteriormente no Coletivo de Mulheres Negras, ambos em São Paulo, até fundarem Geledés em 1988. Segundo Edna Roland, a passagem pelo Conselho Estadual da Condição Feminina e no Conselho Nacional dos Direitos da Mulher proporcionou aprendizado às fundadoras do Geledés.

Nós tínhamos aprendido certas coisas. Primeiro tínhamos aprendido algumas práticas administrativas: como é que você organiza uma instituição, comissões, grupos de trabalho... Segundo, tínhamos entrado em contato com algumas agências financiadoras.¹⁹⁰

A narrativa acima revela a atuação produtiva que as ativistas fundadoras do Geledés tiveram em coletivos e conselhos institucionais, propiciando primeiros contatos com agências financiadoras, elemento fundamental para consolidação das ONGs.

Criola surge em 1992, a partir de um grupo de mulheres que atuava no CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas¹⁹¹, localizado no Rio de Janeiro. Juntamente com outras mulheres atuantes em outras esferas. Segundo a entrevistada Graça, a insatisfação das mulheres no CEAP tornou-se uma constante, até que decidiram deixar a Ong e formalizar Criola.

A gente sentia naquela época a necessidade de criar uma organização. Inicialmente, o projeto de Criola compreendia uma casa para mulheres negras, onde elas poderiam discutir saúde, sexualidade, teria um centro de documentação¹⁹².

¹⁹⁰ Depoimento de Edna Roland sobre o início e sua passagem no Geledés. Ver: Alberti e Pereira (2007:283).

¹⁹¹ CEAP – Centro de Articulação de Populações Marginalizadas é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, vinculação partidária ou religiosa. Foi fundada no Rio de Janeiro, em 1989, por ex-internos da extinta Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem) com a ajuda de representantes da comunidade negra e do movimento de mulheres. Ver <http://www.portalceap.org/quem-somos> - acessado 20 de setembro de 2010.

¹⁹² Trecho da entrevista de Graça, fundadora, ex-integrante da Criola. Entrevista realizada pela pesquisadora em 10 de março de 2010.

Segundo a narrativa acima da entrevistada Graça, Criola surge sem pretensões grandiosas, mas com uma necessidade de criar e consolidar uma organização propriamente de mulheres negras.

Um dos pontos em comum entre as duas organizações é o fato das ativistas fundadoras serem oriundas de outras organizações e/ou coletivos. Mulheres que tinham experimentado participação em outros grupos organizados. Segundo relatos das entrevistas, algumas fundadoras do Geledés atuaram em conselhos, comissões com vínculos governamentais, e/ou participaram de movimentos sociais ou partidos políticos. E a maioria das fundadoras de Criola atuou no Programa de Mulheres do CEAP, e/ou trabalhavam em outras áreas, como professoras, assistentes sociais. Além disso, algumas das fundadoras participaram anteriormente em movimentos sociais, partidos políticos, e/ou em entidades negras como IPCN – Instituto de Pesquisas das Culturas Negras. Este instituto foi apontado por algumas ativistas entrevistadas como uma importante “escola de atuação política”. Segundo relatos das entrevistadas, boa parte dos ativistas do movimento negro participou do IPCN.

Ambas as organizações ampliaram suas áreas de atuação. Geledés inicia sua atuação estruturada em três Programas: Saúde, Direitos Humanos e Comunicação. Atualmente, Geledés atua nas seguintes áreas: Direitos Humanos, Comunicação, Educação, Mercado de Trabalho, Questões Raciais e de Gênero. É possível perceber um aumento nas áreas de atuação do Geledés. Por outro lado, Criola atuou anteriormente nas áreas de Formação e Informação, Saúde, Violência, Cultura e Direitos. Atualmente, as áreas de atuação de Criola são: Saúde da Mulher Negra e da População Negra; Direitos Humanos; Ação Política e Articulações; Multiversidade Criola; Monitoramento e Avaliação; Comunicação¹⁹³.

A década de 90 é marcada pelo aumento de espaços de formulação política e de participação das organizações da sociedade civil em Conferências Internacionais. A Marcha Zumbi dos Palmares, em 1995, incentivou a construção de negociações entre o movimento social e as esferas governamentais. Foi

¹⁹³ Ver Roland. In: Guimarães e Huntley (2000); sites: www.geledes.org.br e www.criola.org.br. Acessados 21 de setembro de 2010.

entregue um documento ao Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, que impulsionou mudanças. Na década de 90 foram criados espaços de formulação política. Em 1996 foi instituído o Grupo de Trabalho Interministerial para a Valorização da População Negra (GTI) e o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH) – o II PNDH foi instalado em 2002 – e em 1997 foi criado o Grupo de Trabalho para a Eliminação da Discriminação no Emprego e na Ocupação (GTDEO)¹⁹⁴.

O ciclo de conferências da ONU realizado ao longo da década de 90, contou com a participação dos movimentos sociais e possibilitou mudanças na agenda política nas áreas de direitos humanos, meio ambiente, desenvolvimentos sustentável, políticas de gênero, raça, etc. Essas mudanças contemplaram todos os países, mas especialmente os periféricos. As conferências internacionais foram antecedidas por uma série de assembleias e comitês preparatórios, a fim de organizar programas e uma agenda em torno dos objetivos das conferências¹⁹⁵. Não vem ao caso descrever o contexto em que ocorreu cada uma das conferências mundiais, o que fugiria ao interesse da presente pesquisa. Mas daremos atenção à III Conferência Mundial Contra O Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia, e Formas Correlatas de Intolerância realizada em 2001, na África do Sul, por conta da atuação contundente das mulheres negras.

A organização e a articulação política das mulheres negras nas conferências mundiais se fizeram presentes ao longo da década de 90. Porém, a partir da preparação para a Conferência Internacional de População e Desenvolvimento, no Cairo, as mulheres negras emergiram de forma mais incisiva e organizada. Por iniciativa do Geledés – Instituto da Mulher Negra, em 1993, realizou-se o Seminário Nacional Políticas e Direitos Reprodutivos das Mulheres Negras. Deste evento participaram 55 lideranças pertencentes a organizações de mulheres negras, organizações feministas, universidades, serviços de saúde, parlamento, etc... Do seminário resultou o documento que constitui um marco do movimento de mulheres negras brasileiras: a Declaração de Itapeverica da Serra. Esse documento definiu as posições das mulheres negras em relação a uma série de questões. Por exemplo, considerava fundamental garantir os direitos de

¹⁹⁴ Ver Ribeiro (2008).

¹⁹⁵ Ver Santos (2005); Ribeiro (2008).

cidadania, a existência de políticas públicas de emprego, saúde saneamento básico, educação, habitação. As mulheres negras definiram nesse documento que a liberdade reprodutiva é essencial para as etnias discriminadas, reivindicando do Estado às condições necessárias para que possam exercer sua sexualidade e seus direitos reprodutivos, controlando sua própria fecundidade (Roland, 2000: 245-246).

A autora revela que as mulheres negras tiveram também “*grande visibilidade*” no processo de preparação para IV Conferência Mundial da Mulher, realizada em Beijing/China em 1995, estando presentes nos fóruns realizados em todos os Estados. Na visão de Roland (2000), as mulheres negras perceberam mais rapidamente a importância estratégica de participar das Conferências da ONU, sem abrir mão das redes nacionais de organizações de mulheres negras. Para a autora, devido à intensa participação das mulheres negras no processo, como relatoras e expositoras, a temática racial foi incorporada na Declaração das Mulheres Brasileiras para a Conferência de Beijing.

Essa atuação motivou o governo brasileiro a acatar a posição sustentada pelas mulheres negras e por suas aliadas brancas, relativa ao reconhecimento da discriminação racial como um problema crucial, que atinge mulheres de todo o mundo. Isto se deve à estratégia utilizada pelas mulheres negras no processo de preparação da conferência de Beijing, seja marcando presença nos fóruns nos Estados brasileiros, seja expondo suas políticas ao Estado que se viu bastante pressionado (Roland, 2000: 249).

Segundo Ribeiro (2009), a partir da década de 90 verifica-se que “*os protagonismos de grupos tornados invisíveis*” entraram para a agenda política mundial. Contudo, na medida em que os protagonismos são conquistados, aprofundam-se as complexidades, as dificuldades organizativas e teóricas¹⁹⁶. Nessa perspectiva, o feminismo passou por um processo de reformulações, conflitos e conquistas. Como bem salientou Sueli Carneiro¹⁹⁷, o enegrecimento do movimento feminista e a ampliação do *protagonismo* das mulheres negras constituíram um aspecto altamente positivo.

¹⁹⁶ Ribeiro (2009:11).

¹⁹⁷ Carneiro (2003).

Acho que o protagonismo das mulheres negras é um dos maiores avanços dos últimos anos de movimento social, nós temos muitos nomes fortes, muitas mulheres negras como referência nacional, nós temos políticas, nós temos representações em vários conselhos, secretarias¹⁹⁸.

A citação acima aponta para a crescente representação política que as mulheres negras vêm conquistando nos conselhos e secretarias de governos estaduais, municipais e federais, e em cargos políticos. Algumas lideranças entrevistadas ocupam, ou ocuparam funções em secretarias e/ou conselhos nas áreas da saúde, direitos humanos, da mulher, entre outras.

A maior parte das ativistas entrevistadas exerce representação e articulação política, função de execução e coordenação de projetos, captação de recursos, responsabilidades de gestão e produção teórica. Nesse sentido, elas desempenham ações que conjugam produção intelectual e engajamento político. Como bem salientou Collins (2000), a junção entre ação e teoria marca o pensamento das mulheres negras.

Quanto à autodefinição, a maioria das entrevistadas recusou a denominação de “liderança”. Algumas reconheceram que são referências, que ocupam lugares estratégicos e centrais nas organizações, mas permaneceram recusando a categoria. As entrevistadas se definiram como ativistas, militantes, articuladoras políticas, intelectuais, entre outras.

Eu rejeito a definição de líder, o conceito liderança. Creio que a liderança carismática tal qual conhecemos em outros tempos históricos é fenômeno cada vez menos freqüente, o que é também positivo se levarmos em conta os males que muitas produziram para a humanidade. Precisamos menos de líderes carismáticos e mais de consensos construídos coletivamente por diferentes sujeitos políticos que compartilham e alternam liderança coletivamente delegada. (...) Me considero membro de uma estratégia institucional na qual cada mulher cumpre tarefas de acordo com suas habilidades e as necessidades da organização. Portanto sou uma militante feminista e antirracista que cumpre tarefas institucionais, embora por vezes me exigem maior exposição pública do que outras companheiras¹⁹⁹.

¹⁹⁸ Trecho da entrevista de Fátima, membro do conselho diretor, e coordenadora de projetos do Geledés. Entrevista realizada pela pesquisadora em 08 de julho de 2010.

¹⁹⁹ Depoimento de Dandara, fundadora e membro da coordenação executiva do Geledés, entrevista realizada pela pesquisadora, em 10 de julho de 2010.

A narrativa acima pretende valorizar os diversos ativistas e sujeitos políticos, apontando para a importância de cada militante na organização. No entanto, nossa entrevistada mencionou que nessa pluralidade, no interior de qualquer grupo, organização ou movimento, há pessoas que se sobressaem. Algumas ativistas, especialmente as fundadoras e mais experientes das organizações estudadas, carregam uma maior exigência no que tange à representação política e à presença em seminários, encontros ou conferências do que outras ativistas. Conseqüentemente, elas tornam-se mais conhecidas publicamente.

Eu nem gosto muito dessa palavra (liderança), as pessoas nos acham liderança e mitificam. As pessoas esperam muito, mas eu faço o possível para que esperem cada vez menos e façam mais²⁰⁰.

A citação acima revela mais uma vez uma rejeição, um afastamento que as ativistas buscam ter da categoria liderança, mas, por outro lado, elas têm consciência de que muitas pessoas as enxergam como líder. Essa rejeição pode querer revelar um afastamento de adjetivos como soberba ou vaidade; embora o discurso possa parecer politicamente correto.

Essa recusa pela categoria liderança pode estar relacionada ao risco que essa categoria carrega, de idealização e de mitificação. As pessoas tendem a enxergar o líder como um Deus, retirando suas características humanas. Como se um líder não pudesse falhar, errar, nem perder o controle como qualquer ser humano. Muitas entrevistadas não querem criar expectativas. De fato, o endeusamento atribuído à liderança não é saudável, pois produz uma visão acrílica dos processos, dos movimentos, das organizações e das realidades sociais. Essas lideranças podem ter posicionamentos equivocados em determinadas situações, como qualquer ser humano, sem que isso possa desqualificá-las.

Contudo, ao serem perguntadas sobre quais seriam as principais qualidades que uma liderança deve ter e quais seriam os defeitos imperdoáveis de um(a) líder, duas entrevistadas revelaram o seguinte:

²⁰⁰ Entrevista de Graça, fundadora, ex-integrante de Criola. Entrevista realizada em 10 de março de 2010.

Considero a responsabilidade um fator muito importante. Parece simples, mas não é. Ter responsabilidade no que fala, no que trata e manter a fidelidade. Não adianta eu falar que trabalho com mulheres negras se eu estou aqui chicoteando as mulheres negras. Não adianta incentivar o trabalho com mulheres egressas do sistema penal e não favorecer a sua inserção em minha organização. Então, responsabilidade e coerência na formação de uma liderança.

O principal defeito é a arrogância. Hoje temos algumas pseudo-lideranças que foram tomadas pela arrogância. “Não saio da minha casa para uma palestra sem que me paguem R\$10mil”, dizem. Eu vou de graça. Temos de ser coerentes. Depende para onde o serviço será prestado. Eu vou com o mesmo carinho para Alemanha ou para a Mangueira²⁰¹. [grifos meus]

No trecho acima, retirado da entrevista com a Graça, responsabilidade e fidelidade aparecem como a antítese da arrogância. Qualquer liderança precisa cultivar qualidades como responsabilidade, fidelidade e coerência.

Eu acho que a primeira de todas é ter a consciência desse lugar de liderança, ter a consciência de que você tem facilidade para sistematizar ruídos que são coletivos e transformar isso em uma voz. Você tem de reconhecer essas habilidades em você. Habilidade de mediação, de diálogo, de conversar com diferentes pessoas, com diferentes grupos e acho também que isso é meio nato. Ao longo da vida você vai lapidando a liderança, você vai incorporando coisas que você não tem, mas os fundamentos são natos, eu acho. Depois disso, eu acredito ter aver com uma escolha em estar nesse lugar de liderança, pois é um lugar de muitos sacrifícios, você abre mão de sua vida pessoal em muitos sentidos e aspectos e você precisa estar imbuída disso com muita responsabilidade. Se possível, sem se ferir, sem se matar, o que não é possível sempre.

A liderança não pode nunca desrespeitar as pessoas que confiam nela, não pode transgredir a confiança que é depositada nela. Quem exerce a função de liderança não pode ser arrogante, achar que é melhor que todas as outras pessoas e tratá-las como inferiores. Usar as habilidades de liderança em proveito próprio e em detrimento de outras pessoas. Transformar espaços abertos em nome da causa que você representa e usar isso em proveito pessoal. Acho isso muito nefasto²⁰². [grifos meus]

As duas narrativas acima possuem pontos semelhantes no que diz respeito às características que as lideranças devem ter ou se afastar. As duas entrevistadas, uma ex-integrante da Criola e uma ex-integrante do Geledés, apontam a arrogância como um defeito imperdoável que a liderança não deve ser. Se as

²⁰¹ Ib., Id.

²⁰² Trecho da entrevista de Luiza, ex-integrante do Geledés. Entrevista realizada pela pesquisadora, em 12 de novembro de 2009.

peças olham para a liderança como um ser poderoso e sobrenatural, isso pode fazer com que algumas lideranças se vejam e se sintam superiores aos outros e, conseqüentemente, se tornem arrogantes. Outro fator negativo apontado por uma das entrevistadas é a utilização da confiança, que algumas lideranças conquistam, em proveito próprio. Isso é apontado como algo extremamente nefasto para qualquer movimento e organização, algo que as lideranças devem evitar fortemente.

Um ponto negativo suscitado por uma das entrevistadas diz respeito o quanto, e em muitas ocasiões, a vida pessoal é sacrificada em detrimento da luta coletiva e do ativismo político. Em muitos momentos a vida pessoal fica em segundo plano ou é deixada de lado. Das 11 entrevistadas, seis são mães. Destas que são mães, a maioria mencionou que se culpa por não ter sido uma mãe mais presente. Isso reforçaria a idéia de que a vida pessoal e familiar muitas vezes é posta em segundo plano.

Por outro lado, duas entrevistadas assinalaram a responsabilidade como uma característica extremamente importante que toda liderança deve ter. Outro ponto a ser destacado é a coerência e o controle da vaidade que as lideranças devem buscar. Outras habilidades que as lideranças deveriam possuir são: capacidade de mediação e de diálogo com qualquer grupo de pessoas.

A primeira qualidade é compromisso, que permite um diálogo capaz de atenuar vaidades. O líder precisa se dedicar, enunciar o que está fazendo para ouvir as críticas, as complementações. Ou seja, precisa ser dinâmico. Sobre os defeitos, acho que a falta de ética e compromisso. Por que a ética é o limite não é? E é fundamental²⁰³.

Uma liderança tem de saber o que quer, o objetivo tem de ser explícito e isso em qualquer área. É preciso se fortalecer muito para liderar, emocionalmente, fisicamente. Nunca pode estar sozinha, tem de ter noção de pluralidade e tem de ter humanidade. O que não pode acontecer é que o líder não pode ser o dono da verdade. Tem de saber ouvir²⁰⁴.

As duas narrativas revelam que toda liderança deve ter ética e compromisso, e também deve saber ouvir, principalmente as críticas. É

²⁰³ Entrevista de Ana, fundadora e coordenadora da Criola, entrevista realizada pela pesquisadora em 17 de julho de 2009.

²⁰⁴ Entrevista com Helena, fundadora e ex-integrante da Criola. Entrevista realizada em 15 de janeiro de 2010.

importante que a liderança tenha a humildade de reconhecer que pode errar e que em alguns momentos ela pode estar equivocada. A liderança necessita do outro, da coletividade na luta, no processo, nas conquistas e nos resultados políticos. Como bem descreveu Bárbara em sua entrevista: “*sei que eu lidero um processo, mas não faço isso sozinha. Em torno de uma liderança existe um grupo ao redor que influencia aquela liderança*²⁰⁵”. Nesse sentido, a liderança influencia o grupo, assim como o grupo influencia a liderança, simultaneamente. Pelo exposto, a liderança é parte central de uma organização, mas não é o senhor absoluto de sua atividade, como Whyte (1993) e Weber (2008) salientaram.

Cabe introduzir nesse momento a discussão sobre a formação de lideranças na estrutura grupal. Foote Whyte (1993), em seu trabalho intitulado “Sociedade de Esquina”, discute sobre a estrutura social da gangue de esquina de Corneville, North End Boston. O autor revela que naquele caso “*o líder é o ponto central da organização de seu grupo*²⁰⁶”. A análise mostra como as pessoas concebem uma organização hierárquica de partes entremeadas mutuamente com tensões e conflitos. O autor atribui maior recurso à liderança do que aos outros membros do grupo, pois esta em geral age quando a situação exige ação. A liderança possui a função de conselheiro e inspira firmeza, confiança e maior habilidade nas áreas de interesse do grupo como um todo. Por outro lado, o líder, salienta Max Weber, “*não é senhor absoluto dos resultados de sua atividade*²⁰⁷”. Essa afirmativa traduz a importância do coletivo, de todos os membros da organização. Outro ponto destacado por Weber refere-se à atenção que uma organização deve ter para alcançar êxito. É necessário que haja despersonalização e o estabelecimento de uma rotina.

Por outro lado, a liderança, para exercer seu domínio, necessita cultivar a crença de sua legitimidade. Dentro dos três tipos de dominação legítima constatadas por Weber²⁰⁸, a saber: “a racional” (baseada na crença na legitimidade das ordens instituídas e do direito do mando impessoal daqueles nomeados para exercer dominação legal), “a tradicional” (baseada na crença das tradições vigentes) e a “carismática” (baseada no poder de santidade, heróico ou de

²⁰⁵ Trecho da entrevista de Barbara, fundadora e coordenadora da Criola. Entrevista realizada em 21 de dezembro de 2009.

²⁰⁶ Ver Foote Whyte. (1993:264).

²⁰⁷ Ver Weber (2008:120 -121).

²⁰⁸ Ver Weber (2004: 141).

exemplaridade de uma pessoa). Contudo, as lideranças das organizações de mulheres negras se aproximariam mais da dominação carismática, isto é, daquela que se baseia na exemplaridade de uma pessoa e das regras por ela criadas ou reveladas. Isto porque as lideranças dessas organizações têm como característica comum serem consideradas um exemplo a ser seguido e reconhecidas como tal em virtude da confiança pessoal.

As organizações de mulheres negras da Grã-Bretanha, que Sudbury (2003) pesquisou, desenvolveram *“uma liderança justa, imparcial, a negra forte que usa seu poder para fortalecer outras mulheres e não para impor autoridade”*²⁰⁹. Nesse caso, houve uma recusa das organizações de mulheres negras em aceitar explicitamente as estruturas “feministas”, levando a supor que essas organizações estariam menos dispostas a desafiar as formas patriarcais de trabalho. Para Sudbury, essa análise revela que as mulheres negras estariam aceitando uma compreensão mais sutil de poder e um discurso que reconhece as duas faces. *“Em vez de rejeitar todas as manifestações públicas de poder, elas tentam equilibrar a necessidade de se opor aos abusos de poder com o desejo de capacitar as mulheres a experimentar o controle e a autoridade”*²¹⁰.

Para compreender as lideranças das organizações de mulheres negras brasileiras pesquisadas, buscou-se privilegiar suas narrativas. As práticas discursivas tornaram-se essenciais para a apreensão dos processos de subjetivação. Sendo assim, a fala, o discurso e a narrativa são importantes mecanismos para uma maior compreensão dos processos estudados. As entrevistas trazem material expressivo para análise, que aborda histórias de vida das lideranças, famílias e os processos de construção da experiência do que é ser negra no Brasil. As lideranças entrevistadas estão em posição privilegiada para perceber importantes dimensões dos movimentos e organizações de mulheres negras no Brasil.

A pesquisa buscou demonstrar de que forma o discurso, as práticas discursivas em suas relações com o saber, o conhecimento e o poder participam do processo de subjetivação e resistência. A proposta aqui não é privilegiar o discurso acerca da dominação, da exploração sofrida pelas mulheres negras na

²⁰⁹ Sudbury. (2003:181).

²¹⁰ Ib., Id., p. 182

sociedade brasileira, pois essas questões têm sido frequentemente divulgadas pelas estatísticas. O estudo pretende compreender o processo experimentado por mulheres negras ativistas por meio de suas organizações, processo esse apontado por quatro entrevistadas como uma experiência de protagonismo. Além disso, busca-se apreender, através da análise do discurso, as percepções das mulheres negras sobre si próprias, as suas relações com o poder, as tensões, os conflitos e as estratégias empreendidas na luta e atuação política que essas mulheres negras vêm protagonizando.

No exercício de ouvir, de analisar o discurso, há uma intervenção sobre o “outro” inevitável. Bhabha (2007) salienta o seguinte:

O que ser requer é demonstrar um outro território da tradução, um outro testemunho da argumentação analítica, um engajamento diferente na política de e em torno da dominação cultural. (...) e, mais importante, devemos re-historicizar o momento da emergência do signo, a questão do sujeito ou a construção discursiva da realidade social, para citar uns poucos tópicos em voga na teoria contemporânea²¹¹.

Para o autor, no momento que se entra em contato com o “outro” ocorre uma influência sobre o mesmo. O pesquisador deve ter essa consciência, das possíveis influências sobre o discurso do “outro”, e do lugar de enunciação dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

A subjetividade não pode ser compreendida como algo voltado para o interior do sujeito, abstrato, mas sim como algo concreto. Como Foucault²¹² (2007) salientou o sujeito não é predefinido, ele é constituído e se constitui simultaneamente a partir de suas experiências históricas e sociais. Nessa perspectiva, o racismo, o sexismo, o patriarcado, a classe são alguns dos dispositivos que se destacam no processo de constituição da subjetividade das mulheres negras. No caso daquelas aqui estudadas, esse processo é ancorado em suas experiências, em suas relações com as organizações que atuam e articulam estratégias de resistência.

Não é possível atuar em favor dos direitos das mulheres, de sua autonomia e de sua liberdade sem considerar as dimensões que as cercam. Seja de raça, de gênero, de classe e sexual²¹³.

²¹¹ Ver Bhabha, Homi. (1998: 60-61).

²¹² Ver Foucault. (2007).

²¹³ Trecho da entrevista de Barbara, fundadora e coordenadora da Criola, entrevista realizada em 21 de dezembro de 2009.

As narrativas de nossas interlocutoras nos conduzem a heterogeneidades, apesar de percebermos algumas similaridades em suas trajetórias de vida, isto é, alguns pontos em comum. Há uma tendência em essencializar grupos identitários, provocando uma supressão da alteridade. Contudo, as mulheres negras, como também suas organizações não podem ser pensadas como homogêneas e coesas. As mulheres negras possuem origens, experiências, opiniões e concepções diferenciadas.

No interior das organizações de mulheres negras habitam subjetividades, tensões e conflitos, ou seja, há heterogeneidades, experiências e trajetórias plurais, maneiras de ver o mundo, opiniões e concepções diferentes acerca da realidade, mas que encontram um ponto em comum.

No tocante à origem das entrevistadas, há pontos similares, como o fato de serem de famílias menos abastadas economicamente e de terem sido criadas em bairros pobres e populares. A maioria das interlocutoras possui famílias extensas, numerosas, com vários irmãos. Somente uma das entrevistadas tinha família pequena, pois se tornou filha única com a morte prematura dos irmãos, vítimas de doenças como sarampo e diarreia, e outro irmão que foi assassinado.

É inegável que a maioria das entrevistadas passou por uma ascensão social. Há algumas similaridades em suas trajetórias, especialmente o fato de terem sido pioneiras em suas famílias no acesso ao curso superior.

As fundadoras das organizações passaram por diversas instâncias coletivas e movimentos sociais: negro, feminista, estudantil, partido político, sindicato, associação de bairros, entre outros. Essa heterogeneidade seria vista por alguns como um atributo valorativo ao movimento e simultaneamente imporia algumas dificuldades. As diferentes trajetórias imprimiriam pontos de vista diferenciados às hierarquias de gênero, raça e classe que se imporiam sobre as mulheres. (Santos, 2004:85).

É necessário questionar a homogeneidade do termo “mulher negra”. Suas histórias, apesar das semelhanças, são diversas. Não devemos continuar com afirmações absolutas acerca das mulheres negras, pois suas identidades são múltiplas e mutáveis. Isto, portanto, contrapõe a perspectiva homogênea. Como

bem salientou Julia Sudbury²¹⁴, as mulheres negras têm “*outros tipos de sonhos*”. Suas identidades não são limitadas nem absolutistas.

Para as mulheres negras pesquisadas, a atuação política e a produção intelectual são moldadas por suas próprias experiências. Como bem apontou Conceição Evaristo (2005), toda sua escrita perpassa pela sua vivência no mundo, que dialoga com a história e a experiência das mulheres negras. A escritora e poetisa brasileira denomina sua literatura de *escre(vivência)*. O conceito “*escrevivência*” criado por Evaristo implica em escrever a existência, o que constitui o acúmulo de tudo que a escritora ouviu, viu e viveu desde a infância.

Na *escre(vivência)* das mulheres negras, encontramos o desenho de novos perfis na literatura brasileira, tanto do ponto de vista do conteúdo, como no da autoria. Uma inovação literária se dá profundamente marcada pelo lugar sócio-cultural em que essas escritoras se colocam para produzir suas escritas²¹⁵.

Essa postura de um olhar sobre si mesma, sobre seu território, sobre a vivência dos seus, converge em uma atitude de sujeito da própria história. O trabalho literário e a produção intelectual tornam-se um posicionamento político como mulher negra na sociedade brasileira.

Há ainda outro ponto que merece ser destacado acerca do ativismo das mulheres negras. Collins²¹⁶ rejeita a dicotomia indivíduo e coletivo, sugerindo uma abordagem que incorpore as duas dimensões, se aproximando de uma perspectiva holística. Sudbury²¹⁷ acrescenta que para essa abordagem é necessário compreender que o ativismo político negro fala a públicos diferentes, em momentos distintos. O ativismo das mulheres negras é baseado em suas posições contrárias a inúmeros tipos de sujeição e resulta da intersecção de racismo, gênero, classe e dos meios de transformação.

Apesar de termos histórias diferentes essas se encontravam na discriminação, no racismo. Quando a gente saía pra fazer um trabalho de campo, a gente se deparava com a mesma coisa que vivemos. Hoje temos esse amadurecimento do que nos moveu. (...) Essa inquietação com a questão de gênero, do racismo, da

²¹⁴ Ver Sudbury (2003:26).

²¹⁵ Evaristo. (2005: 54).

²¹⁶ Collins. (2000).

²¹⁷ Ver Sudbury. (2003: 95-96).

invisibilidade da mulher e com as nossas histórias, nos fez ter certeza de que queríamos aquilo²¹⁸.

As narrativas das lideranças não mostram apenas um conjunto de dados históricos e biográficos, mas apresentam pontos de vistas sobre uma época e sobre um tipo de ativismo no Brasil. As entrevistadas viveram experiências singulares em um determinado momento de suas vidas, especialmente no período da década de 80 até hoje. O material de análise foi dividido em algumas categorias: origem familiar e sócio-econômica, formação profissional, inserção e atuação política, descrição do processo de constituição e atuação nas organizações autônomas. Buscou-se compreender, por meio das entrevistas, como as lideranças se vêem, estimulando um olhar sobre si, onde as entrevistadas pudessem discorrer acerca de sua autoidentificação e autoavaliação.

4.3.2

Origem familiar

Sobre a origem sócio-econômica familiar das entrevistadas, há muitas semelhanças no que diz respeito à origem humilde e ao baixo poder aquisitivo das famílias. Percebe-se que a maioria das lideranças entrevistadas nasceu em bairros populares, de subúrbio ou em cidades do interior do Estado de São Paulo e do Rio de Janeiro. Quanto à constituição familiar, a maior parte das entrevistadas revelou possuir famílias extensas, com mais de dois irmãos. Apenas uma interlocutora foi criada como filha única, após o falecimento de seus irmãos.

No que tange à profissão e à escolaridade dos pais, a maior parte era de trabalhadores, com baixa escolaridade. Os que chegaram a frequentar a escola possuíam primário incompleto ou completo. A baixa escolaridade dos pais é um fator similar a todas entrevistadas. Na maioria dos casos, as entrevistadas foram as primeiras e, em alguns casos, as únicas da família a terem diploma universitário. Elas apontam o esforço que os familiares dedicaram para que elas concluíssem o curso superior.

Quanto à ocupação das mães das entrevistadas, também há pontos em comum. As mães das lideranças trabalhavam como domésticas, lavadeiras,

²¹⁸ Entrevista de Helena. Fundadora, ex-integrante de Criola. Entrevista realizada pela pesquisadora em 15 de janeiro de 2010.

cozinheiras, costureiras ou eram donas de casa. Nesse sentido, as mães das entrevistadas estavam em uma condição determinada às mulheres negras em nossa sociedade, de servilismo, realizando trabalho doméstico e/ou ocupações precárias. Quanto à profissão dos pais, estes ocupavam geralmente trabalhos manuais e braçais, como operário, agricultor em fazendas, pedreiro, servente, etc. Esse é um fator importante que confirma os dados estatísticos sobre o perfil social da população negra brasileira²¹⁹.

No tocante à faixa etária das entrevistadas, elas possuem idades que giram em torno dos 40 a 65 anos. Um ponto em comum é que a maioria das interlocutoras informou o quanto a família foi presente e enfatizou a importância dos pais em suas conquistas. Contudo, duas entrevistadas tiveram uma infância marcada pela ausência masculina, do pai, enquanto outras duas tiveram a ausência da mãe biológica. Porém, esta ausência foi substituída por outras mulheres da família, como avós ou tias, que desempenharam a função materna.

As interlocutoras relataram que tiveram uma origem familiar humilde, mas que por meio de dedicação, solidariedade e apoio conseguiram estudar, terminar curso universitário, e ascender socialmente. Muitas interlocutoras, hoje em dia moram em bairros do centro ou mais abastados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Há apenas uma entrevistada que, por opção, permanece morando no mesmo bairro em que foi criada. Outro ponto a ser destacado é que, de um lado, algumas entrevistadas se tornaram arrimo de família, ocupando um lugar fundamental na estrutura familiar, enquanto, de outro lado, são apontadas como o grande exemplo de sucesso e de admiração.

4.3.3

A educação como um projeto familiar

A educação emerge na maioria das narrativas como um projeto familiar, ou seja, é muito forte o discurso valorativo acerca da educação e da instrução estimulado pelos familiares. A educação é apontada como um caminho

²¹⁹ Ver Lima (1995:489-495); Carvalho e Segato. (2002).

imprescindível para ser bem sucedido, para alcançar ascensão social e emancipação.

A geração anterior a minha era analfabeta, mas meus familiares sempre prezaram o estudo. Meu pai dizia que a única coisa que ele podia nos dar era o valor da educação. Todos os meus irmãos são formados. Uma irmã é pedagoga, meu irmão mais velho é contabilista e trabalha no Tribunal de Justiça, outra fez Matemática e trabalha na Eletronuclear e a outra fez Serviço Social e trabalha na Prefeitura. Meu irmão só foi fazer a faculdade depois que todas nós estávamos fazendo as nossas. Eu e meu irmão éramos o arrimo de nossa família. (...) Nós demos um salto enorme na nossa família, de analfabetos para graduados. Tudo isso, graças ao incentivo que tivemos²²⁰.

A tarefa de assegurar educação adequada aos filhos torna-se um ato profundamente político, um projeto da família que desafia uma classificação social que assume os negros como incapacitados. Como o estudo se apresenta como algo tão distante para a geração anterior às nossas entrevistadas, a educação torna-se um valor honroso, algo fundamental que é apontado e estimulado por seus familiares. Em algumas falas a educação aparece como uma obrigação que não pode ser abandonada.

Existiam duas figuras que meus pais sempre me mostravam, se existia alguma notícia de Ângela Davis e Leci Brandão, eles mostravam. Ângela Davis, porque era Ângela Davis, e Leci Brandão, sempre que ela aparecia, diziam: ela estudou. Eu detestava estudar e sou a pessoa de minha família que mais anos estudou. Eu tive muita pressão, foi a força da pressão que não para nunca mais²²¹.

A educação torna-se um dos poucos caminhos para conquistar respeito, dignidade e ascensão social. Se a educação torna-se um projeto familiar, este deve ser levado até o fim, com muita dedicação. E as lideranças entrevistadas fizeram essa travessia.

Todas as entrevistadas possuem curso universitário completo. Do total de 11 entrevistadas, três são Doutoradas e duas estão finalizando o Doutorado. A pós-graduação é algo almejado pelas entrevistadas, um objetivo a ser conquistado. Apenas uma entrevistada revelou não ter pretensão de realizar pós-graduação,

²²⁰ Trecho da entrevista de Creuza, coordenadora de projetos da Criola. Entrevista realizada pela pesquisadora em 11 de agosto de 2009.

²²¹ Trecho da entrevista com Ana, fundadora e coordenadora da Criola, realizada pela pesquisadora em 17 de julho de 2010.

alegando que este espaço nunca lhe atraiu, e que já está com 60 anos de idade e que o que mais gosta de fazer é articulação política.

Ao atentarmos para o grau de instrução das lideranças entrevistadas e de seus pais percebemos um grande salto educacional em relação à geração anterior. Segundo suas narrativas, seus pais obtiveram no máximo o primário completo, diferentemente de suas filhas, que fizeram não só a graduação, mas em alguns casos também a pós-graduação.

A educação surge nas narrativas das entrevistadas como um bem precioso, um caminho para adquirir admiração e sucesso profissional. A educação surge como um projeto familiar de ascensão social; e o desejo familiar transmitido às ativistas transformou-se em algo maior que a vontade, em uma necessidade. A educação foi apontada como um caminho possível para superar barreiras sociais prescritas historicamente, para buscar ascensão social e conquistar um futuro melhor que o de seus pais, proporcionando às famílias uma vida mais estável e tranquila.

4.3.4

A inserção política: semelhanças e diferenças

Algumas interlocutoras, particularmente as mais maduras, que se encontram na faixa dos 60 anos, iniciaram sua experiência política a partir da década de 70. Algumas começaram no movimento estudantil, outras no movimento sindicalista, negro ou feminista. Posteriormente, três das entrevistadas ingressaram em partidos políticos, como é o caso da Elza, que atuou no Partido Comunista Brasileiro (PCB) e foi uma das fundadoras do Partido dos Trabalhadores (PT), de Barbara, que é filiada ao PT até hoje, e de Graça, que atuou no movimento de mulheres no PT.

É claro que existe toda uma trajetória anterior, antes eu estava no movimento partidário, sindical, movimento de mulheres do PT, movimento feminista. Então, na verdade, eu sou uma formação de todos esses movimentos²²².

²²² Trecho da entrevista com Graça. Fundadora, ex-integrante de Criola. Entrevista realizada pela pesquisadora, no dia 10 de março de 2010.

O que fica perceptível nas narrativas é que as lideranças entrevistadas foram formadas pela passagem por vários movimentos (estudantil, sindicalista, feminista, negro, partido político), além de organizações religiosas, culturais e de mulheres negras. A passagem e atuação em diversas entidades e movimentos devem ser pensadas numa dimensão multiplicadora.

As trajetórias políticas das lideranças entrevistadas podem ser consideradas múltiplas, por circularem em vários movimentos e organizações. Isto tende a confirmar a idéia de que as são identidades múltiplas e mutáveis. Cada uma dessas lideranças possui singularidades, porém, todas participam de uma luta comum. Assim, retomamos a concepção de multidão²²³ de Hardt e Negri, na qual o sujeito é percebido como sendo composto do singular e do plural ao mesmo tempo. Nesse sentido, as organizações pesquisadas, Geledés e Criola, são compostas de inúmeras mulheres negras, diferentes uma das outras, que têm histórias de vida e trajetórias distintas, mas se comunicam, colaboram e agem em comum.

Tanto a Geledés quanto a Criola são organizações institucionalizadas, constituídas por mulheres oriundas de diferentes formas de militância, contudo, essas mulheres heterogêneas foram unidas por opressões raciais, de gênero, de classe e pela vontade de criar um espaço de afirmação e representação política, onde elas pudessem exercer o protagonismo político. Em outras palavras, as organizações pesquisadas pretendem representar as necessidades, os interesses e anseios das mulheres negras, que experimentam formas multiplicativas de discriminação e desigualdade, combatendo o racismo, o sexismo e a lesbiofobia.

As lideranças entrevistadas apontaram os intelectuais, escritores e ativistas que influenciaram suas trajetórias. As influências são variadas, desde personalidades como Abdias Nascimento, Nelson Mandela a escritores, como Lima Barreto, Machado de Assis, Cruz e Souza. As escritoras brasileiras mais mencionadas foram Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Esmeralda Ribeiro, Geni Guimarães e Conceição Evaristo. Contudo, é possível encontrar uma referência comum, como Lélia Gonzalez, sempre lembrada como

²²³ Multidão é legião, ela é composta de inúmeros elementos que se mantêm diferentes uns dos outros, e ainda assim se comunicam, colaboram e agem em comum. Hardt e Negri (2005:188-189).

intelectual/ativista combativa na luta antirracista e antisexistista. As escritoras norte-americanas, bell hooks, Ângela Davis, Patrícia Hill Collins e Alice Walker também foram frequentemente mencionadas. Na lista de intelectuais e/ou ativistas brasileiras que influenciaram suas trajetórias, foram incluídas ainda personalidades contemporâneas, como Luiza Bairros e Sueli Carneiro. Vale destacar que as referências mencionadas são majoritariamente formadas por negros e negras. Isso demonstra o lastro do trabalho intelectual e da atuação políticas das negras e dos negros brasileiros.

Outro dado que chamou a atenção no que diz respeito às principais influências na trajetória das entrevistadas é que a maioria delas apontou mulheres de suas famílias, como mães, tias, avós como grandes lideranças e incentivadoras que as marcaram profundamente. *“Na minha trajetória, por exemplo, meus pais me ensinaram a prática da crítica²²⁴”*.

Sou filha de uma mulher (...) você sabe que no Rio existem mulheres que são chamadas de Dona, como Dona Ivone Lara, Dona Neuma ou tias. Minha mãe era uma mulher, aos 35 anos, já chamada de Dona. Nós morávamos no pé do morro, no Lins de Vasconcelos. Ela foi uma mulher que, sem apoio de homens ou da religião, era a Dona. Isso dava a ela um poder agregador muito grande²²⁵.

Na maior parte das narrativas, a família é fortemente destacada como elemento fundamental na formação das entrevistadas. Além disso, muitas entrevistadas fizeram questão de citarem mulheres que atuaram e atuam fortemente em suas comunidades ou bairros, como Obassy²²⁶, poetisa, compositora e sambista, líder cultural do bairro Cidade de Deus no Rio de Janeiro; e também Mãe Beata de Yemonjá²²⁷, liderança religiosa do Candomblé no Rio de Janeiro. Nos sites da Criola e da Geledés há destaque para homens negros e mulheres negras da história brasileira, em uma homenagem a personagens e lideranças que construíram e constroem nossa história.

²²⁴ Trecho da entrevista com Ana, fundadora e coordenadora da Criola, realizada pela pesquisadora em 17 de julho de 2010.

²²⁵ Trecho da entrevista com Graça, fundadora, ex-integrante de Criola, realizada em 10 de março de 2010.

²²⁶ Obassy é Celita Vieira de Abreu iyalorixá do Ilê Ibailekô, foi membro da ala de compositores da Unidos de Jacarepaguá da Cidade de Deus, Rio de Janeiro. Ver site: criola.org.com.br, acessado 10/08/2010.

²²⁷ Mãe Beata de Yemonjá nasceu na Bahia. É ilarorixá em Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, iniciada pela ialorixá Olga de Alaketu. A escritora publicou seu livro *Caroço de Dendê* pela Editora Pallas, RJ. É fundadora e coordenadora do Instituto de Desenvolvimento Cultural de Nova Iguaçu/RJ. Ver: Werneck. (2002:16-19).

As interlocutoras mencionaram também quanto os movimentos, as organizações e as próprias companheiras foram fundamentais em suas trajetórias, pois nesses espaços e com essas pessoas elas trocavam experiências e saberes, aprendiam e ensinavam mutuamente. *“Na verdade, nós nos formamos juntas, no conjunto, na discussão, no movimento”²²⁸*. As intelectuais/ativistas revelam que a formação conjunta foi muito rica e positiva e não deve ser desprezada. As organizações autônomas foram apontadas como um espaço rico e multiplicador de conhecimentos e de grande aprendizagem. Elas passaram pelo processo de empoderamento juntas e mutuamente.

4.3.5

Mulheres negras e o poder

No que se refere ao processo de participação e atuação das mulheres negras em suas organizações, um fato importante é que as ONGs pesquisadas são gestadas e dirigidas por mulheres negras, sendo as funções de maior prestígio na hierarquia ocupadas por ativistas que participaram da fundação dessas instituições. Contudo, tanto o Geledés quanto a Criola possuem diferenças no que se refere à estrutura organizativa. A composição do Geledés é formada por: a) Conselho Diretor, formado por Presidenta, Vice-Presidenta, 1ª Secretária e Suplente, b) Coordenação Executiva, c) Equipe de profissionais especialistas (advogado, designer gráfico), secretária, recepcionista e estagiários. A composição da Criola é estruturada da seguinte maneira: a) Coordenação; b) Coordenação de Programas, c) Equipe de profissionais especialistas (jornalista, médica); d) Administração e Estagiários²²⁹.

Algumas entrevistadas expressaram que as organizações de mulheres negras teriam uma formação estrutural diferenciada daquelas constituídas por homens e mulheres, denominadas de “mistas”. A hierarquia institucional das organizações de mulheres negras pesquisadas teria um caráter mais horizontal, ou seja, não haveria uma única pessoa com o poder de centralizar e decidir todas as

²²⁸ Trecho da entrevista de Graça, fundadora, ex-integrante da Criola. Entrevista realizada pela pesquisadora em 10 de março de 2010.

²²⁹ Ver Anexos: I e II. A formação estrutural das duas organizações, disponível nos sites das organizações: geledes@geledes.org.br; e criola@criola.org.br. Acessados no dia 20 de junho de 2010.

questões da organização. Segundo algumas entrevistadas, as instituições geridas por mulheres negras primariam por uma formação organizacional mais descentralizada. No entanto, é possível perceber que, especialmente o Geledés, possui uma hierarquia composta de: Presidenta e Vice-Presidenta em seu Conselho Diretor, Coordenação Executiva, e equipe com funções administrativa e assessorias²³⁰. Além disso, é importante destacar que nas duas organizações, as funções de direção e gestão tendem a ser ocupadas pelas ativistas fundadoras, desde as constituições das organizações. A rotatividade existe, porém as fundadoras não perdem o controle da gestão.

Há participação masculina nas duas organizações, porém os homens ocupam funções complementares como estagiário, jornalista, assessor jurídico, coordenador de programas, etc, funções complementares que não fazem parte do poder executivo. Essas organizações prezam pela direção e gestão de mulheres negras. *“Os homens fazem parte do quadro, mas a direção sempre foi feminina, faz parte do nosso estatuto”²³¹*. Deve-se destacar que esse é um dado estrutural do Geledés, já que consta em seu Estatuto que o Instituto da Mulher Negra deverá ser sempre dirigido por mulheres. Segundo Sueli Carneiro, o Geledés foi pensado como um lugar liderado por mulheres negras.

Ser uma organização de mulheres, liderada por mulheres, que pudesse conter a presença masculina, mas desde que a liderança feminina fosse respeitada, que fosse um instrumento de dar voz, visibilidade e promover mulheres negras na sociedade brasileira²³².

Essa concepção é percebida até no nome dado ao Instituto da Mulher Negra. Como mencionado anteriormente, a palavra Geledés (*abrasileirado*) refere-se a organizações religiosas dirigidas por mulheres, em sociedades tradicionais iorubas. Ao batizar a instituição com esse nome buscou-se construir um espaço, um instrumento político de afirmação das mulheres negras.

Na concepção das entrevistadas, as organizações autônomas representaram um espaço onde suas opiniões e seus sonhos ganharam força e voz, onde as políticas de transformação tornaram-se uma possibilidade.

²³⁰ Veja com mais detalhe, anexo I e II.

²³¹ Entrevista de Fátima, realizada pela pesquisadora em 08 de julho de 2010. Fátima é coordenadora de Programas do Geledés.

²³² Depoimento de Sueli Carneiro. In. Alberti, e Pereira. (2007:278).

As mulheres negras passaram por um processo de aprendizado, amadurecimento e busca de estratégias para ensejar políticas públicas que possam melhorar as condições de vida das mulheres negras. Elas buscam, com esse intuito, formular e conceber teorias que favoreçam a luta pela equidade racial e de gênero.

A teoria pra mim é um instrumento pra potencializar a ação, e a ação política é um instrumento que potencializa a reflexão sobre um determinado campo. (...) A ação do pensamento é estratégica. Pensar, conceber, formular, repensar, compreender são dimensões estratégicas da luta. Não há opção política sem pensamento²³³.

Nessa perspectiva, as lideranças dessas duas organizações realizam uma junção entre a produção intelectual e o ativismo político. Elas possuem uma produção escrita vasta, desde relatórios sobre suas atuações e as pesquisas desenvolvidas nas organizações, até a produção de artigos que denunciam formas de opressão e violência. Seus textos são publicados em cadernos produzidos pelas próprias organizações, mas também em revistas científicas, livros e jornais.

A ampla produção dessas mulheres pode ser observada, por exemplo, através dos mais de 150 artigos publicados por Sueli Carneiro – fundadora e coordenadora executiva do Geledés. Sueli Carneiro acumula funções de coordenadora executiva, coordenadora da área de Direitos Humanos e editora do Portal Geledés. Ela é também diretora vice-presidente do Fundo Brasil de Direitos Humanos, sendo autora de diversos artigos sobre gênero, raça e direitos humanos. Como se não bastasse, ela é também membro do Conselho Consultivo do projeto Saúde das Mulheres Negras do Conectas, em parceria com o Geledés, do Conselho Consultivo da Ouvidoria da Defensoria Pública do Estado de São Paulo, do Conselho Consultivo do Projeto Mil Mulheres, membro da Articulação Nacional de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras, além de *fellow* da Ashoka Empreendedores Sociais. Segundo Borges (2009), Sueli Carneiro acumula uma produção abrangente, marcada por um engajamento político e por uma crítica externa e interna aos movimentos²³⁴.

²³³ Reflexões de Sueli Carneiro. In. Borges. (2009:98).

²³⁴ *Ib.*, *Id.*, p.86-87.

É importante salientar que outras lideranças do Instituto também produzem textos e possuem publicações, como é o caso de Nilza Iraci²³⁵ que, além de ocupar atualmente a Presidência do Geledés, faz parte da Coordenação da Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras. Ela também integra o Conselho Deliberativo do Instituto Patrícia Galvão, o Comitê Internacional do Fórum Social Mundial e o Conselho Consultivo do Observatório de Gênero. As entrevistadas ocupam ainda funções de educadoras, coordenadoras de projetos, entre outras.

As lideranças da Criola também possuem vasta produção de textos e artigos, especialmente Jurema Werneck e Lúcia Xavier – fundadoras e coordenadoras da organização. A produção intelectual da médica Jurema Werneck aborda temas como biopolítica, biotecnologia genética, bioengenharia, saúde da população negra, raça, racismo, gênero, cultura afrobrasileira, música negra e samba. Por outro lado, Lucia Xavier, além de ocupar a coordenação da Criola, é membro do Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial, representando a Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB), da qual é secretária-executiva. Sua produção intelectual reflete sobre temas como raça, gênero, direitos humanos, políticas públicas, saúde da mulher negra e antiracismo.

As variadas ocupações que essas lideranças acumulam assinalam o esforço para a construção e consolidação de suas organizações, além de apontar para o fortalecimento da representação política tão almejada e conquistada.

A reflexão que essas mulheres têm produzido ajuda não só ao movimento de mulheres negras, mas ao próprio movimento negro. Mesmo não estando dentro de uma organização dessas, a minha fala e a minha posição é ressonância de uma fala e de um conteúdo que essas organizações oferecem. A minha fala é formada por esse diálogo com o movimento negro e a aprendizagem que tenho com as lutas das mulheres negras²³⁶.

A citação acima traduz a narrativa de alguém que, mesmo não sendo integrante de qualquer organização, assume um posicionamento comum à produção e atuação das ativistas que integram as organizações de mulheres

²³⁵ Nilza Iraci é fundadora e atual presidenta do Geledés. Ela foi uma das brasileiras indicadas para o Prêmio Nobel da Paz, na campanha que selecionou mil mulheres de todo o mundo para concorrer ao prêmio. Ver Charf. (2006).

²³⁶ Trecho da entrevista de Iris, intelectual, professora, escritora do RJ. Entrevista realizada pela pesquisadora em 21 de janeiro de 2010.

negras. Como se pode notar, há um diálogo, uma ressonância entre o pensamento e a atuação política de intelectuais/ativistas pertencentes às organizações e às não pertencentes. Nessa troca de conhecimentos e na luta política há um aprendizado compartilhado por ambos os grupos de mulheres negras. Por outro lado, segundo Iris, a produção de conhecimento e a atuação política das mulheres negras enriquecem não só o movimento de mulheres negras, mas também o movimento negro.

Sendo assim, as trajetórias das mulheres negras são atravessadas pela luta antirracista e antisexistista, seja atuando no movimento de mulheres, “*enegrecendo o feminismo*”, seja atuando no movimento negro, “*feminizando a raça*”²³⁷, e em outros movimentos e organizações. Acreditamos que nesse processo de tensão, alianças, confrontos, rompimentos, diálogos e negociações, todos, isto é, o movimento de mulheres, o movimento negro e o movimento de mulheres negras saíram ganhando. Os movimentos tiveram que repensar e reavaliar seus pressupostos, atitudes e missão. Isso fortaleceu cada um deles, trazendo benefícios para a sociedade de maneira geral.

4.3.6

Olhar sobre si

Nesse momento, busca-se compreender como as lideranças se definem e expressam o olhar sobre si mesmas. A maioria das entrevistadas descreveu que sua trajetória política é atravessada pela luta contra o racismo e o sexismo. A maior parte discorreu sobre sua inserção no movimento de mulheres, no movimento de mulheres negras e no movimento negro. Foi possível perceber que as entrevistadas transitaram por vários movimentos, atuam em vários níveis da militância e percorrem vários ambientes e situações.

Quando perguntamos às lideranças como elas se viam em relação às suas trajetórias, a maior parte revelou se considerar ativista ou militante. Poucas se encaixaram na classificação como “intelectual” e “liderança”. Ambas as classificações causaram rejeição ou desconforto à maioria das entrevistadas.

²³⁷ Ver Carneiro (2003); e Barreto (2005).

Eu sou parte daquela geração que sempre teve problemas em usar o conceito de intelectual; eu me vejo como ativista antes de qualquer coisa. Tenho muito orgulho de ser uma militante negra, de ser uma ativista. (...) Embora o conceito intelectual venha sempre embrulhado numa aura, eu nunca me senti particularmente interessada nessa alcunha²³⁸.

A narrativa acima é semelhante ao posicionamento de muitas interlocutoras, que evitaram se descrever como intelectuais. Mas mesmo rejeitando o termo, algumas entrevistadas concordaram que não há ação política sem pensamento. Isto é, suas estratégias políticas só são construídas por meio do pensamento e da capacidade dessas mulheres de formular e conceber idéias e propostas.

Outras lideranças evitaram a autodescrição a partir de um só termo, destacando que são resultado de um conjunto de atribuições, fruto da longa trajetória que percorreram. O engajamento político requer que essas mulheres, em muitas situações, atuem como intelectuais, militantes, escritoras, formuladoras de propostas, etc. As entrevistadas apontaram que não se devem separar tais categorias, posto que elas desenvolvem várias funções simultaneamente, a depender da demanda e da situação. “*Me considero uma ativista, o que mais sei fazer é articulação política*”²³⁹. Essa afirmação, por exemplo, revela a autodefinição de uma das entrevistadas, que identificou a articulação política como o que mais sabe fazer e realizar. Contudo, essa não é a única atividade dessa ativista, que acumula uma série de atribuições.

As inúmeras funções realizadas de maneira simultânea pelas lideranças e as diferentes trajetórias que percorreram podem ser observadas a partir das citações transcritas abaixo:

No começo, eu me considerava “ativista” (sic), achava que estava fazendo o ativismo pela arte. Hoje eu tenho perdido o pudor de me considerar artista. Esse tem sido meu caminho agora, privilegiado, é o caminho da arte literária²⁴⁰.

²³⁸ Depoimento de Sueli Carneiro. Ver Borges (2009: 97-98).

²³⁹ Trecho da entrevista de Elza, fundadora e membro do conselho diretor do Geledés. Entrevista realizada pela pesquisadora em 04 de maio de 2010.

²⁴⁰ Entrevista de Luiza, ex-integrante do Geledés, realizada pela pesquisadora em 12 de novembro de 2009.

Sou uma militante feminista e antirracista que cumpre tarefas institucionais, embora por vezes me exigem maior exposição pública do que outras companheiras²⁴¹.

Nessa luta pela igualdade dos direitos das mulheres negras eu não vejo a possibilidade e a condição de ser uma coisa ou outra, você tem de ter capacidade propositiva de articulação suficiente para envolver outras pessoas e organizações, você tem de produzir um pensamento, você tem de estudar, pensar, trabalhar e pensar o caminho junto de outras pessoas. Nesse campo em que eu atuo, fica mais consistente se você faz um pouco de cada pedaço. Essa é a tarefa que eu enxergo como ativista²⁴².

As narrativas acima sugerem que a atuação política dessas mulheres é múltipla, se constitui em várias frentes. Essas ativistas adquiriram uma expertise que as levou a desenvolver trabalhos em várias esferas, fazendo um pouco de tudo, o que exige alta dedicação e esforço.

Atuar na esfera pública não é mais como era quando eu comecei, em que se tratava esses assuntos depois do trabalho ou nos fins de semana. Hoje isso faz parte do meu trabalho. Antes eu chegava em casa duas da manhã para participar das reuniões dos movimentos, e na manhã seguinte saía para trabalhar. Hoje em dia a vida produtiva é misturada com a vida política, o que dá uma dimensão muito diferente²⁴³.

O depoimento acima aponta para mudanças ocorridas na atuação política das mulheres negras ao longo de suas trajetórias. Anteriormente, a militância afluía após um dia inteiro de trabalho e nos fins de semana. A fala de Bárbara sugere que haveria um *break* entre o término da atuação profissional e o início da atuação política. Hoje em dia, o ativismo nas organizações institucionalizadas sofreu uma mudança. Em outras palavras, atualmente o trabalho profissional e a vida política se misturam, não há desvinculação ou oposição. Na realidade, essas duas dimensões se confundem, ao ponto de se tornarem uma coisa só. Contudo, não pretendemos atribuir juízo de valor às duas formas de ativismo, avaliando se a anterior era melhor ou pior que a atual, nem sugerir que a militância anterior exigia maior ou menor dedicação. As entrevistadas apontaram a existência de dois tipos diferentes de trabalho e atuação política, em momentos diferentes. O que não

²⁴¹ Trecho da entrevista de Dandara, fundadora e membro da coordenação executiva do Geledés, realizada em 10 de julho de 2010.

²⁴² Entrevista de Ana, fundadora e coordenadora da Criola, realizada pela pesquisadora em 17 de julho de 2009.

²⁴³ Entrevista de Barbara, fundadora e coordenadora da Criola, realizada pela pesquisadora em 21 de dezembro de 2009.

se pode questionar, segundo algumas entrevistadas, é que as duas formas de ativismo geram danos à vida pessoal, que é sacrificada em detrimento da luta política. “*Às vezes ficamos muito na militância e a família precisa de nós. (...) Não conseguíamos separar o particular do profissional. A gente ficava até meia-noite, domingo. Não tinha marido, não tinha filho*²⁴⁴”.

Essa citação revela que, em muitos momentos, a vida pessoal era deixada de lado em prol do comprometimento político. Havia um afastamento da ativista em relação à esfera privada, o que, para esta interlocutora, era prejudicial. Com efeito, essa teria sido uma das razões pela qual “Helena” teria saído da Criola para se dedicar a outras formas de ativismo. Na visão dessa entrevistada, em uma organização institucionalizada a individualidade fica em segundo plano, não podendo ser vivida plenamente. As pessoas são absorvidas de tal maneira que podem adoecer e, em muitos casos, sequer se tratam.

Outro ponto a ser destacado é que a atuação política das mulheres negras em suas organizações autônomas exigiu, de um lado, uma especialização e, de outro, uma visão geral. Como bem definiu uma das entrevistadas, as mulheres negras conquistaram autonomia em suas organizações e, conseqüentemente, uma grande empresa para gerenciar. “*Eu me vi como administradora, contadora, secretária, servente*²⁴⁵”. Essa ação política demandou um profissional especializado, mas que soubesse simultaneamente atuar em várias áreas e funções. Isso sobrecarregou a atuação política e profissional das ativistas.

Essa é uma mudança dos dias atuais em comparação com a agenda dos anos 80, pois hoje as organizações já surgem institucionalizadas e necessitam mais de um corpo técnico-profissional do que de uma militância presente, oriunda dos movimentos sociais. Como bem salientou uma das entrevistadas, “*ONG não é espaço de militância, ONG é espaço de formação, de prestação de assessoria, de prestação de trabalho, ou seja, de pessoas profissionalizadas*²⁴⁶”.

A entrevistada Graça se autodefine como uma “*empreendedora social*” e afirma que as organizações institucionalizadas necessitam de empreendedorismo social, baseando-se em relações de confiança para realizar mais iniciativas,

²⁴⁴ Entrevista de Helena, fundadora, ex-integrante da Criola, realizada pela pesquisadora em 15 de janeiro de 2010.

²⁴⁵ *Ib.*, Id.

²⁴⁶ Trecho da entrevista de Graça, fundadora e ex-integrante da Criola. Entrevista realizada pela pesquisadora, em 10 de março de 2010.

programas e ações que permitam ao grupo se desenvolver de maneira sustentável. O objetivo é aumentar a articulação de grupos produtivos e estimular a participação das mulheres negras na esfera política, ampliando o "*espaço público*" das mulheres em situação de exclusão e risco. Sendo assim, as organizações que não possuem pessoas com esse perfil ou ativistas que não estejam dispostas a se profissionalizar, isto é, aprender conhecimentos técnico-administrativos, não se sustentarão.

O que se percebeu neste estudo foi que na época da fundação das duas organizações pesquisadas as mulheres negras tiveram que se profissionalizar, aprendendo saberes ligados à gestão organizacional. Mas que, atualmente, as organizações já contratam profissionais de várias áreas, como administrativa, jurídica, entre outras, para compor o corpo técnico, sob supervisão das ativistas. E, assim, as mulheres negras conseguem hoje dividir tarefas e funções. Dessa forma, elas conseguem se dedicar mais à representação política, à participação em seminários e encontros nacionais e internacionais. Essa mudança no funcionamento das organizações pode também ter contribuído para o aumento da produção teórica das lideranças. De fato, houve um aumento significativo de publicações de artigos, livros e boletins realizados pelas lideranças das duas organizações pesquisadas. Essas questões indicam o quanto o processo de institucionalização afetou a forma de ativismo das interlocutoras.

4.3.7

Perspectivas: críticas e desafios

As mulheres conquistaram suas organizações e hoje contabilizam perdas e ganhos. Como já foi mencionado, as organizações institucionalizadas se aproximam de empresas e as gestoras tiveram que se profissionalizar, num *fazer-aprendendo*. Em muitos casos, suas novas funções afastavam as ativistas da população, do "povão". Pois segundo a entrevistada Helena, suas demandas não permitiam dedicar tempo para as oficinas que realizavam anteriormente.

Quando fui pra Criola, eu fui para trabalhar o que faço até hoje, que são as oficinas, rodas de conversa, trabalho de campo e nós, como fundadoras, ficamos um pouco afastadas desse objetivo.

Porque na verdade nós tínhamos uma grande empresa para gerenciar²⁴⁷.

A citação acima descreve a passagem de grupo para organização institucionalizada. O grupo trabalha diretamente com a comunidade, diferentemente as ONGs, são mais abrangentes e necessitam de profissionais como uma empresa. Além disso, as ONGs precisam gerenciar recursos, e prestar contas às fundações financiadoras. Pelo exposto, é possível afirmar que a atuação política sofre uma mudança devido à profissionalização exigida pela institucionalização.

Cabe assinalar que não foi simples realizar essa pesquisa, principalmente devido às dificuldades encontradas para agendar entrevistas com as lideranças das organizações. Houve casos em que foi preciso insistir diversas vezes para se conseguir marcar uma entrevista, pois as lideranças possuem uma agenda bastante atribulada. De fato, essas mulheres são muito ocupadas, pois viajam constantemente representando suas instituições em encontros, congressos, seminários e conferências nacionais e internacionais. Uma das estratégias utilizadas foi buscar informações sobre os compromissos públicos dessas lideranças. Caso alguma delas tivesse confirmado presença em algum evento (conferência, seminário, etc.) ia-se ao local. Foi esta estratégia que possibilitou que se realizasse entrevista com uma liderança que não respondia às solicitações por e-mail.

Infelizmente, não foi possível realizar a mesma estratégia com as ativistas do Geledés, devido ao fato de que a sede desta instituição encontra-se em São Paulo e por conta das dificuldades de deslocamento (custo e tempo). Houve muitas dificuldades ainda para se conseguir agendar entrevistas em datas próximas durante a estadia naquela cidade, o que provocou atrasos na realização da pesquisa.

Um fato percebido durante esta etapa da investigação é que as fundadoras das organizações estudadas dificilmente estão presentes nas sedes das instituições. Diferentemente do que pensávamos a presença dessas ativistas só é possível quando há algum evento ou reunião agendada com antecedência. Observou-se que é mais fácil encontrá-las em seminários, encontros e palestras do que nas sedes de

²⁴⁷ Entrevista de Helena, fundadora e ex-integrante da Criola, realizada em 15 de janeiro de 2010.

suas organizações. De fato, buscou-se ao longo da pesquisa frequentar esses ambientes para estabelecer os primeiros contatos com as lideranças/fundadoras.

Ao longo da pesquisa, buscou-se identificar algumas críticas feitas pelas ativistas entrevistadas. Abaixo foram reproduzidas duas narrativas que elencam algumas dessas críticas em relação às organizações de mulheres negras.

Uma crítica que eu tenho em relação às organizações de mulheres negras é a pouca capacidade de renovação. Você pode observar que a maioria das meninas que se organiza agora, monta organizações próprias, o que por um lado é muito bom, indica que elas não encontram espaço nas organizações antigas. É preciso ter uma abertura para o novo, olhar pra fora também. Às vezes é necessário fazer umas parcerias e até trazer para dentro da organização ou até parir pessoas que vão levar a instituição adiante²⁴⁸.

A citação acima contém críticas relacionadas as organizações de mulheres negras que tendem a uma dificuldade de lidar com a renovação. As jovens ativistas não encontrariam espaço nas organizações mais antigas, fazendo com que estas formem novas organizações. Na visão de Luiza, as organizações deveriam refletir e discutir sobre isso. Se, por um lado, a criação de outras organizações é apontada pela entrevistada como algo positivo, por outro lado, isso indica também que as organizações antigas não se abrem às ativistas jovens, tendem a se fechar, isto denota algo negativo.

Paralelamente, haveria, em alguns casos, uma lógica interna de disputa por poder na condução da agenda pública das organizações, além de divergências políticas e ideológicas na dinâmica das negociações acerca da legitimidade da representação coletiva. Algumas organizações se sentem excluídas dos processos políticos de negociação e representação, em detrimento de outras mais influentes, como já mencionado no segundo capítulo.

As disputas e divergências políticas ocorrem tanto no interior das organizações quanto externamente, ou seja, entre as várias organizações. Esse não é, e nem poderia ser, um campo livre de tensões e conflitos. As organizações, em geral, são constituídas por pessoas egressas de outras organizações ou movimentos sociais. No caso das duas ONGs pesquisadas, elas foram formadas

²⁴⁸ Depoimento de Luiza, intelectual/ativista, ex-integrante do Geledés. Entrevista realizada em 12 de novembro de 2009.

por mulheres que passaram por outras experiências de organização. O Geledés – Instituto da Mulher Negra, como já mencionado, foi constituído por um grupo de mulheres que fazia parte do Coletivo de Mulheres Negras de São Paulo. E a Criola foi constituída basicamente por um grupo de mulheres que atuara no Centro de Articulação de Populações Marginalizadas (CEAP)²⁴⁹. Tanto no Geledés quanto na Criola houve casos de ativistas que se desligaram e formaram outras organizações ou foram atuar em outras organizações já existentes. Com efeito, o trabalho e ativismo das mulheres negras são potencializados por suas experiências nas diversas organizações.

Quanto à saída de algumas ativistas das organizações pesquisadas, as narrativas apontam que, como em qualquer separação, não se pode sair ileso. Duas ex-integrantes mantêm relações cordiais com as organizações. Uma delas revelou que “*foi uma cisão não muito fácil, foi ruim, eu senti bastante, e elas também. Foi bom, mas doloroso*”. Outra ex-integrante revelou não ter contato com a organização anterior, pois sua saída foi marcada por um desentendimento tenso, que afirmou já ter superado. A partir das narrativas das ex-integrantes, foi possível obter pistas que apontam para a disputa por poder, para os conflitos internos e embates de interesses nas organizações pesquisadas. Essa visão mais crítica, que revela os conflitos e desentendimentos internos, só foi possível captar nas narrativas das ex-integrantes. Já que as narrativas das lideranças atuantes nas organizações tenderam a privilegiar as questões que as unificam.

No campo das organizações de mulheres negras, existem aquelas que são referências em seus estados, como a *Maria Mulher* – Organização de Mulheres Negras do Rio Grande do Sul. No Rio de Janeiro, a Criola é considerada importante e influente não apenas no estado, mas também no país. Isso também ocorre com o Geledés – Instituto da Mulher Negra, que é referência nacional.

Questões que dizem respeito à representação política das feministas negras têm sido assumidas pela Articulação de ONGs de Mulheres Negras Brasileiras (AMNB). A AMNB foi resultado da iniciativa e do protagonismo das mulheres

²⁴⁹ CEAP é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, vinculação partidária ou religiosa. Foi fundada no Rio de Janeiro, em 1989, por ex-internos da extinta Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), com a ajuda de representantes da comunidade negra e do movimento de mulheres. Acesse. <http://www.portalceap.org/>

negras no processo Pró-Conferência Durban, como mencionado antes. A entrevistada Elza considera essa articulação um marco, cujos frutos vêm sendo colhidos atualmente. A ativista cita a introdução, especialmente do eixo 9²⁵⁰, realizada pela articulação de ONGs de Mulheres Negras, como uma conquista das organizações de mulheres negras. “A AMNB busca intervir e incluir questões específicas em todas as áreas possíveis, como: previdência social, economia, etc... E nós estamos conseguindo fazer isso²⁵¹”.

A articulação nacional de ONGs de Mulheres Negras surgiu no contexto da Conferência de Durban. Foi o processo de Durban que criou essa Articulação para organizar a participação política das mulheres negras na Conferência, e eu acho que é um dos mais bonitos movimentos de mulheres negras brasileiras. (...) O protagonismo das mulheres negras brasileiras foi total no contexto da Conferência, tanto na Regional das Américas como na Conferência de Durban, na África do Sul²⁵².

A articulação de organizações de mulheres negras é apontada pelas entrevistadas como uma solidificação política importante que as organizações de mulheres negras protagonizaram. Contudo, há controvérsias, como já foi mencionado no capítulo anterior.

O campo político é formado por grupos que possuem maior poder de pressão, e outros com menor poder, dependendo do momento, da situação e do contexto político. As organizações mais influentes tendem a exercer maior representação nas instâncias políticas, maior poder de persuasão nas negociações. Podemos perceber ao longo da pesquisa que tanto Geledés quanto Criola são consideradas referências no que se refere às organizações de mulheres negras, por quem pesquisa o tema²⁵³.

Quando um grupo possui maior articulação, maior influência que outros; este tende a direcionar as negociações e ter maior força nas decisões políticas. Isso pode fazer com que alguns grupos com menor influência se sintam menos

²⁵⁰ A inclusão do eixo 9 no Plano Nacional foi resultado do documento apresentado pela AMNB e de sua atuação na III Conferência Mundial de Durban, em 2001. O conteúdo desse capítulo 9 apresenta a necessidade urgente de assegurar a incorporação da perspectiva de raça/etnia e a orientação sexual nas políticas públicas direcionadas às mulheres. Conheça o documento no site: http://200.130.7.5/spmu/docs/livreto_mulher.pdf.

²⁵¹ Entrevista da Elza, fundadora e membro do conselho diretor do Geledés, realizada pela pesquisadora em 04 de maio de 2010.

²⁵² Depoimento de Sueli Carneiro sobre a mobilização das mulheres negras brasileiras rumo à III Conferência Mundial contra o Racismo. In: Alberti e Pereira (2007: 371-372).

²⁵³ Ver Sebastião (2010), Ribeiro (2008), Lemos (1997), Roland (2000).

importantes, com menor representatividade. Acreditamos que o importante é atuar, participar dos processos políticos, independentemente de quem tenha mais influência ou não. Hoje um grupo pode ter mais influência, amanhã outro pode ter mais poder de persuasão, virando o jogo.

Não há como negar a estratégia e articulação política incisiva que a AMNB desempenhou, ampliando a capacidade de negociação e pressão política, e redefinindo uma plataforma feminista e anti-racista.

A ausência de consensos nos processos políticos é extremamente natural e sadia. Da mesma forma, o posicionamento crítico das ativistas que estão na cena política é bem-vindo. Como bem salientou a entrevistada Joana, essa movimentação que abriga o conflito e a negociação é o motor da mudança e não pode ser vista negativamente.

Eu avalio esse tempo para cá como uma passagem porreta, um tempo que desafiou a estrutura, mas o que é desafiar uma estrutura do ponto de vista do trabalho (...). Olhando para trás, minha avó, minha mãe, minhas tias, todas foram empregadas domésticas, então historicamente o lugar das mulheres era na cozinha, mas o lugar das mulheres negras era exclusivamente a cozinha. Essa é uma situação tão óbvia se você for olhar para a sociedade com a sensibilidade de um ser humano, mas o problema é que essa sensibilidade não existe. A história só muda através das contestações de seminário em seminário, de encontro a encontro, e cria uma ONG aqui, briga com a outra ali, cria conflito aqui, estabelece a negociação acolá. A movimentação tem sido feita de maneira a contestar essa lógica e acho que todas as organizações políticas não podem perder essa lógica, esse é o motor da mudança²⁵⁴.

A narrativa acima expressa o que as mulheres negras vêm realizando ao longo dos anos, sugere que essas mulheres vêm *trilhando seu próprio caminho*, rompendo com uma estrutura social que determina um lugar subordinado a essas mulheres. Esses trajetos vêm sendo trilhado por meio de muitos diálogos, confrontos, rompimentos e negociações. Esse processo de acordos e desacordos não termina. Apesar dos avanços há muito a ser feito.

Para uma das entrevistadas, um dos principais desafios consiste na consolidação das políticas públicas pelo viés dos direitos sociais, políticos, econômicos e culturais, considerando as mulheres como agentes dessa conquista.

²⁵⁴ Entrevista da Joana, intelectual/ativista de São Paulo, realizada pela pesquisadora em 08 de julho de 2010.

Para outra liderança entrevistada, a luta que necessita ser travada é a batalha pelos espaços de poder. “*Esta luta ainda não começou a ser travada*²⁵⁵”. A entrevistada Graça revelou que ainda sonha ver negras e negros brasileiros atuando em todas as esferas de poder: na política, na economia, na academia, como profissionais liberais, diretores de empresas, professores universitários, juízes, entre outras ocupações, na mesma proporção quantitativa da população brasileira.

Outro desafio apontado por duas entrevistadas se refere a como conciliar a luta política com o bem-estar pessoal. “*A luta política adoece as pessoas. São muitas frustrações, é muita luta para pouco resultado*²⁵⁶”. Essa citação sugere que o esforço depositado na luta política é maior do que os resultados obtidos no campo político. Isso, porém, em geral não faz as ativistas desistirem.

Outra questão mencionada por duas ex-integrantes das organizações Criola e Geledés diz respeito à importância de haver um encontro geracional entre as ativistas. As entrevistadas salientaram que as organizações mais antigas precisam acolher e apoiar a nova geração com mais respeito e atenção.

Um grande desafio que existe hoje para as mulheres negras, principalmente as mais velhas, é geracional, como dar apoio, como dar suporte para essas meninas que estão chegando, respeitando a impulsividade delas, não é dando lição de moral. Mas a gente tem de deixar as pessoas terem suas experiências²⁵⁷.

A narrativa acima aponta para o conflito geracional e sugere que muitas ativistas tendem a não valorizar o surgimento de uma nova geração. Isso aponta para as dificuldades que algumas lideranças podem ter em relação às jovens ativistas. Haveria nesses espaços pouca disponibilidade para ouvir o que as mais jovens têm a dizer. Frases como “*não vai dar certo, vai dar “m”, eu já assisti esse filme*²⁵⁸” são comuns no meio militante, de ativismo político, segundo Joana. Ela acrescenta que uma vez feita a opção pelo ativismo político, é importante que

²⁵⁵ Trecho da entrevista de Graça, fundadora, ex-integrante da Criola, realizada pela pesquisadora em 10 de março de 2010.

²⁵⁶ Trecho da entrevista de Luiza, intelectual/ativista, ex-integrante do Geledés. Entrevista realizada pela pesquisadora em 12 de novembro de 2009.

²⁵⁷ *Ib.*, *Id.*

²⁵⁸ Trecho da entrevista de Joana, intelectual/ativista de São Paulo, realizada pela pesquisadora em 08 de julho de 2010.

se exercite a solidariedade, o convívio e a tolerância. O interessante nesse encontro geracional é o diálogo, a troca de experiências, sem a imposição de caminhos e diretrizes, nem tutela política. Tais desafios projetam a necessidade de conquistar “*autonomia em uma concepção crítica de emancipação humana e política*”.